

A CASA TOMBADA
FACONNECT- FACULDADE CONECTADA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU - O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E
MEDIAÇÃO

Limites que se esgarçam
Ficção e não ficção em livros informativos para a infância

Maria Graciete Carramate Lopes

SÃO PAULO
2021

A CASA TOMBADA
FACONNECT- FACULDADE CONECTADA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU - O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E
MEDIÇÃO

Limites que se esgarçam
Ficção e não ficção em livros informativos para a infância

Maria Graciete Carramate Lopes

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós- Graduação Lato Sensu- O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, orientação de Cristiane Rogerio

SÃO PAULO
2021

Agradeço...

A Cris Rogerio e a Camila Feltre pela coordenação valiosa da pós-graduação *O livro para a Infância: processos contemporâneos de produção, circulação e mediação*. Vocês tornaram nossas aulas inesquecíveis.

A Cris Rogerio, em particular, pela orientação deste trabalho, pelo acolhimento e incentivo ao meu projeto, pelas importantes contribuições durante nossas conversas em diversos formatos.

A todes da turma 6, pela disposição constante para o compartilhamento e que foi tão importante para o fortalecimento do grupo durante nossa passagem para a *Casa Nuvem*.

A todes d'A Casa Tombada que nos fazem acreditar que é possível um mundo em que o direito à literatura seja garantido.

A meus filhos Isabela e Bruno por me fazerem amar a vida em transformação contínua.

A Zé, meu companheiro, pelo apoio e paciência com minhas ausências e por ajudar a encher minhas estantes e minha alma de livros.

Para todas as crianças – as que ainda são e as que sempre serão – que de alguma forma, habitaram meus espaços e meus caminhos.

A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você. Só uma pergunta pode apontar o caminho para a frente.

Jostein Gaarder – Ei! Tem alguém aí?

Resumo

As transformações que ocorrem nos livros para a infância refletem-se nos livros informativos destinados às crianças de forma a esgarçar os limites entre as obras ficcionais e não ficcionais. Neste trabalho são abordadas algumas dessas características que fazem com que certas obras transitem entre esses limites e são analisados três livros informativos para a infância a partir dessa ideia de esgarçamento. O livro informativo para a infância é visto também, do ponto de vista da mediação de leitura, como possibilidade de transcender o espaço escolar, passando a ser usado por pais e bibliotecários que podem, dessa forma, aprender e ensinar o valor do conhecimento científico e a paixão pela investigação.

Palavras-chave: livro informativo, livro infantil, não-ficção, mediação de leitura.

Sumário

1. Introdução	6
1.1 Falemos do primeiro sentimento	8
1.2 O que eu não trouxe: noções de literatura e práticas de mediação de leitura....	8
2. A questão dos limites entre livros literários e informativos	13
2.1 Paradidáticos, literários, informativos: o que as editoras podem nos mostrar ..	13
2.2 Regradas para serem quebradas... ou transformadas	17
3. A título de exemplo: livros que transcendem limites	24
3.1 Sobre os livros escolhidos para discussão	24
Tapajós	24
Labirintos	26
Lá no meu quintal	28
3.2 Por que estes livros?	34
3.3 Criança adora perguntar e cientista também	35
3.4 Esgarçando limites	37
3.4.1. Ficção e não ficção no mesmo livro?	38
3.4.2. Informação, ludicidade e linguagens artísticas	40
4. Para concluir: uma palavra sobre mediação	45
4.1. Biblioteca, escola, família e seus territórios	45
5. Referências bibliográficas	48
6. Anexos	50
Entrevista com Renata Farhat Borges	50
Projeto: leitura e produção de texto (Livro Tapajós – Editora Brinquebook)	52

1. Introdução

No início da década de 1980, entrei na faculdade no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Uma das primeiras disciplinas que cursei chamava-se Morfologia e taxonomia de Criptógamas. Esse nome tão pomposo quanto misterioso (inclusive para mim ao fazer a matrícula) queria dizer que estudaríamos as algas unicelulares. E nas aulas práticas íamos para o laboratório observar algas ao microscópio e a cada lâmina, eu me deslumbrava. Que coisa linda!!! Olha essa cor maravilhosa!!! Diante de meus comentários “altamente técnicos”, meu companheiro de bancada (amigo que fiz nesse primeiro ano e com quem mantenho contato até hoje) me dizia: “você devia fazer Letras!” Eu não entendia muito bem por que ele achava que deslumbramento não podia estar presente na bancada do laboratório¹, mas o fato é que, alheia ao seu conselho, segui nas Ciências Biológicas, como estudante e como professora, por mais de trinta anos antes de chegar aqui.

“Aqui”. E o que é este “aqui”, afinal? Olhando para trás, percebo que, de alguma maneira, não me contive muito nas fronteiras que se estabeleciam entre as áreas. Escrevendo este trabalho para um curso de pós-graduação que se chama ***O livro para a Infância***, sinto-me quase seguindo o conselho de meu amigo: estou entre as letras, a literatura, as artes, as humanidades. Mas o fato é que sinto que sempre estive aí porque durante esses vários anos de trabalho como professora de ciências, busquei parcerias com colegas das áreas de literatura e de artes visuais, utilizei pinturas, gravuras, música e literatura para compor materiais de estudo e avaliações. Nas escolas em que trabalhei e que eu tinha condições de fazer isto, cheguei a tirar as crianças da sala e íamos para os jardins, usando desenho, pintura e fotografia para comunicar as descobertas que iam sendo feitas. De alguma maneira eu tentava provocar algum deslumbramento e mostrar que, se podemos descrever os fenômenos da natureza em artigos científicos, também podemos escrevê-los em poemas, em músicas. Se podemos usar fórmulas, também podemos usar cores.

¹ Hoje, penso que aquela reação era apenas um jovem aspirante a cientista com uma visão da carreira que está longe de ser a mais comum. A ciência tem perdido essa aura de dureza e, esse mesmo amigo tornou-se um biólogo pesquisador, violinista e leitor voraz de literatura.

Durante essa trajetória, fiz uso dos chamados livros paradidáticos, termo que hoje encontro menos pessoas usando como definição, mas que na época em que fui professora (entre o final dos anos 1980 até 2015) era muito comum. Os livros paradidáticos são um tipo de obra usada como uma forma de complementar os conteúdos abordados nos livros didáticos, permitindo que os professores ampliem as discussões sobre um determinado tema. Tive a sorte de trabalhar em algumas escolas que, pelo menos durante algum período, tive a liberdade de não usar livros didáticos e de construir planejamentos que fugiam do padrão que estes acabavam impondo. Para isso, eu produzia os materiais didáticos e, para alguns conteúdos, fazia uso desses paradidáticos, entre os quais, dois títulos da Coleção *De Olho na Ciência* da Editora Ática: *O verde e a vida*² e *Pequenos seres vivos*³. Os livros dessa coleção apresentam uma ficção que introduz e conclui o texto não ficcional que aborda as informações científicas existentes (até o momento da publicação) sobre diferentes temas, como ecologia e microbiologia, no caso dos títulos mencionados. Utilizá-los, portanto, foi uma das formas com as quais, busquei aproximar ficção e não ficção e por isso, serão abordados neste trabalho.

Em certo momento de minha vida profissional, pensei em seguir por outra carreira na qual eu continuasse ligada à educação sem estar em sala de aula e, desse desejo, surgiu a ideia de estudar Biblioteconomia e, dessa forma, em 2016, já aposentada como professora, me formei. Por diversos motivos, só em 2018, iniciei meu trabalho como bibliotecária num Centro Educacional Unificado (CEU)⁴ da cidade de São Paulo. Muito rapidamente, dois sentimentos se instalaram em mim: em primeiro lugar, eu estava diante de um grande desafio e, em segundo, a faculdade não me deu a bagagem necessária para enfrentar uma parte importante dele.

² TOKITAKA, Sonia; GEBARA, Heloísa. *O verde e a vida: compreendendo o equilíbrio e o desequilíbrio ecológico*. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

³ MARTHO, Gilberto. *Pequenos Seres Vivos: viagem ao mundo dos microrganismos*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

⁴ Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) são equipamentos administrados pela Prefeitura do Município de São Paulo e que reúnem unidades educacionais, complexo esportivo com piscinas e quadras poliesportivas, teatro e biblioteca pública.

1.1 Falemos do primeiro sentimento

As bibliotecas de CEUs são consideradas bibliotecas híbridas porque tanto atendem ao público escolar das unidades educacionais que existem no CEU como ao público da comunidade do entorno, sem esquecer de educadores e alunos de projetos da Prefeitura ou de parceiros, como é o caso dos projetos Guri⁵, Vocacional e Piá⁶ e da UniCEU⁷. É (ou pode ser), portanto, uma biblioteca escolar e pública ao mesmo tempo. Para bibliotecários que sejam propositivos, há possibilidade de muitas parcerias com os educadores do CEU e das escolas ou CCAs e CJs⁸ do entorno, com coletivos de artistas locais, com frequentadores espontâneos que têm ótimas ideias de projetos e, claro, aqueles que vêm “só” para ler, fazer um trabalho escolar, pegar um livro emprestado e pedem indicações e mediação.

Toda essa interação que logo se estabeleceu, criou esse sentimento de desafio para mim e isso nos leva à questão da bagagem que eu não trouxe da faculdade durante o período em que estudei biblioteconomia.

1.2 O que eu não trouxe: noções sobre literatura e práticas de mediação de leitura

Quando comecei a receber crianças em grupo ou sozinhas, quando percebi que algumas crianças que vinham à biblioteca, mesmo com idade para saber ler, não o sabiam, quando comecei a receber jovens e mães de jovens e crianças me pedindo indicações de livros, essas faltas na minha formação começaram a ser sentidas.

⁵ O projeto Guri, mantido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo e gerido por Organizações Sociais, oferece cursos de iniciação musical, canto coral, luteria e de vários instrumentos para crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos. Os CEUs são alguns dos vários polos do projeto.

⁶ O Programa de Iniciação Artística (PIÁ) e o Programa Vocacional são projetos que trabalham as diversas linguagens artísticas com crianças e adolescentes de 05 a 14 anos e com todos os interessados maiores de 14 anos, respectivamente. São propostas da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a Secretaria Municipal do Município de Educação de São Paulo

⁷ A Universidade nos Centros Educacionais Unificados (UniCEU) oferece cursos de graduação e especialização na modalidade EaD com apoio presencial em 47 polos. Os cursos são oferecidos em parceria com diversas instituições como UNIVESP, Universidade Aberta do Brasil, Universidade São Camilo e outras.

⁸ Centro da Criança e do Adolescente (CCA) e Centro da Juventude (CJ) são instituições administradas por organizações sem fins lucrativos e que buscam oferecer atividades no contraturno escolar para crianças e jovens de regiões periféricas e/ou em situação de vulnerabilidade.

Em relação à mediação de leitura, o currículo da faculdade que cursei inclui algumas disciplinas que abordam o papel dos profissionais da biblioteca nas questões de mediação e de formação de leitores e as relações entre biblioteca e sociedade. Algumas dessas disciplinas e os trabalhos que nos demandavam apoiaram-se em exemplos práticos, mas eu não pude vivenciar o trabalho com mediação de leitura de forma mais efetiva porque não trabalhava com biblioteconomia e não pude me dedicar a fazer estágios na área. Faltou-me, portanto, praticar o trabalho de mediação ainda durante a minha formação e uma vez dentro da biblioteca, a ideia de que a formação precisa ser contínua ficou clara mais rápido do que eu poderia imaginar.

Quanto ao repertório relacionado à literatura para a infância, a bagagem universitária foi nula mesmo. E ainda que minha experiência como mãe pudesse me ajudar um pouco, estava distante demais no tempo para dar conta de muitas novidades que via ali no acervo do meu local de trabalho. E essas novidades, à medida que fui conhecendo mais o acervo, começaram a incluir livros informativos e livros-brinquedo⁹ muito diferentes dos paradidáticos que eu usei com meus alunos. Tão diferentes que, muitos deles, estão muito mais próximos dos livros ficcionais do que daqueles paradidáticos, meus velhos conhecidos.

As descobertas no acervo e as desafiadoras dificuldades que encontrei levaram-me a uma busca de cursos para a formação continuada. Dessa forma, cheguei à Casa Tombada pela mão da contadora de histórias Andrea Souza que esteve no CEU em que trabalho para uma aula sobre contação de histórias. Apesar de termos conversado sobre o curso de narração de histórias, ao pesquisar no site da Casa, foi **“O livro para a infância”** que pareceu responder ao que eu buscava e essa percepção mostrou-se mais real a cada aula durante os dois anos de encontros.

Numa de nossas aulas, já no início do segundo ano, foi feita a leitura do livro *Tatá* de Fran Matsumoto, Editora Barbatana. Trata-se de um livro ilustrado com o formato sanfona e que retrata como a vida dos animais é perturbada por um incêndio na floresta. Penso que a obra trata, de forma poética (pelo menos a meu ver) e com belas

⁹ Menciono os livros-brinquedo porque aqueles que temos no acervo da biblioteca em que trabalho são livros informativos e serão abordados mais adiante em função da questão do limite entre ficção e não-ficção.

ilustrações, de um assunto cuja discussão é urgente em nosso país: as consequências do desrespeito ao ambiente. A autora-ilustradora é também bióloga e sua arte, neste livro, está também divulgando aquilo que é resultado de pesquisas. Assim, essa leitura consolidou minha opção por estudar um pouco mais sobre livros informativos para a infância, mas esta era uma ideia que já vinha se formando. Não sei localizar o momento em que comecei a pensar nisso nem o que exatamente no curso gerou a ideia. Talvez o que fui aprendendo em relação aos livros ilustrados e livros-imagem juntamente com as descobertas que fui fazendo no acervo de livros para a infância da biblioteca foram me fazendo intuir que os limites entre ficção e não-ficção se tornavam “borrados”, usando um termo da Cris Rogério em nossas conversas iniciais de orientação da pesquisa. Cris foi também quem me “apresentou” a Ana Paula Campos, enviando-me sua dissertação de mestrado (Inventário – Processos de design na divulgação científica para crianças: estudo de caso de livro informativo). E como uma coisa leva a outra, em junho de 2020, participei do curso “Fantasia e Informação” oferecido pelo *Lugar de Ler*¹⁰ e organizado pela própria Ana Paula Campos juntamente com Marcus Vinicius Rodrigues Martins, bibliotecário estudioso do assunto.

Fantasia e Informação foi um curso bastante rico em explicações, referências bibliográficas e análises de vários títulos que foram encantando a mim e aos demais participantes de forma que o interesse de todos acabou por gerar um grupo de estudos que ocorreu entre setembro e outubro desse mesmo ano. A cada encontro era feita a discussão de um livro informativo sugerido pelos organizadores que também disponibilizaram textos teóricos. Além do embasamento que esses textos e a orientação de Ana Paula e Marcus nos davam, foi muito importante a partilha entre os participantes, pois diferentes olhares sobre o mesmo título nos mostravam as possibilidades de leitura que um mesmo título abriga.

Durante esse grupo de estudos também tivemos a oportunidade de conversar com autoras de dois dos livros escolhidos para análise neste trabalho – Gabriela Romeu e Nurit Bensusan, autoras de *Lá no meu quintal* e *Labirintos*, respectivamente. Essas conversas também foram muito importantes para, de certa forma, materializar algumas

¹⁰ “O Lugar de Ler é uma biblioteca, onde acontecem cursos, oficinas, conversas, palestras, grupos de estudo sempre relacionados à literatura e ao livro” – informação retirada do próprio site da instituição. Disponível em: <https://www.lugardeler.com/sobre>. Acesso em: 31.jan.21.

das discussões que aparecem nos textos teóricos sobre o livro informativo. Gabriela Romeu nos falou das viagens que acabaram por motivar o livro, da articulação entre a equipe que trabalhou no projeto – autoras, fotógrafo, ilustrador – e da importância do acolhimento pela editora das ideias propostas por essa equipe. Também se referiu aos mapas ilustrados presentes em *Lá no meu quintal* como “mapas afetivos” e “mapas poéticos”. Essa forma de nomeá-los foi marcante para mim e volto a ela, mais adiante, quando tratar desses mapas.

Nurit Bensusan, por sua vez, nos contou sobre sua história como bióloga e divulgadora científica, mostrando outros trabalhos, além de *Labirintos* e também nos falou de sua relação com os ilustradores e editores. Ela busca fazer essa divulgação de forma ampla, não há a preocupação com um conteúdo que seja voltado para o contexto escolar, mas sim que faça o leitor se encantar pelo assunto e até pelo objeto livro. Contando de sua aproximação com a divulgação científica, nos disse que sua grande inspiração foi Stephen Jay Gould, paleontólogo autor de obras amadas por todos os biólogos.

Assim, neste trabalho, analiso três livros – *Tapajós*, *Labirintos* e *Lá no meu quintal* – buscando abordar a questão de como se entrelaçam as características de livros literários e de livros informativos voltados para a infância, como exposto por Belmiro e Martins:

A produção editorial contemporânea voltada para obras dedicadas ao leitor mirim tem disponibilizado materiais de leitura que não apresentam um enquadramento clássico em relação à sua organização textual. Oferecem informação, mas são literários? São literários acoplados a um conjunto informativo com base na divulgação científica? São informativos com apuro estético, seja na elaboração do texto verbal, seja na inserção de imagens, cuja visualidade supera a reprodução do mundo e propõe um olhar autoral por parte do ilustrador? Por outro lado, considerando o endereçamento ao leitor infantil, observa-se ainda a presença de estruturas textuais que articulam narração e exposição, além de recursos tecnológicos que facilitam a assimilação do conhecimento científico. (BELMIRO e MARTINS, 2019, p.61)

Na primeira parte após esta introdução, abordo a questão dos limites entre livros literários e informativos, passando pelo conceito de paradidáticos (livros de apoio aos didáticos) e, a partir de uma breve pesquisa em sites de editoras e de textos teóricos sobre o assunto, levanto hipóteses sobre possíveis relações entre o esgarçamento desses limites e a ampliação do uso dos livros informativos em contextos não escolares.

Em seguida, apresento os três livros escolhidos para análise, justifico a minha escolha e procuro mostrar características que os colocam nesse limiar entre ficção e não ficção: são “literários acoplados a um conjunto informativo”? Ou são “informativos com apuro estético”?

Na última parte, discuto como justamente esse esgarçamento de limites pode tornar essas obras atraentes para públicos em contextos não escolares, podendo ser lidos e contemplados por famílias ou em projetos de mediação de leitura em bibliotecas. No momento em que finalizo a escrita deste trabalho, vivemos em nosso país um inaceitável movimento de desvalorização da ciência. Em plena pandemia da Covid 19, no Brasil negacionistas da ciência aderem a tratamentos sem nenhuma comprovação ao mesmo tempo que engrossam o movimento antivacinas com explicações absurdas. Divulgação científica atraente e de qualidade desde a infância, com certeza, pode contribuir para mudar essa realidade.

2. A questão dos limites entre livros literários e informativos

2.1 Paradidáticos, literários, informativos – o que as editoras podem nos mostrar

No contexto escolar é comum o uso de duas expressões – livros didáticos e livros paradidáticos – sobre as quais é necessária uma breve explicação. O que os educadores costumam chamar de livros didáticos são aqueles que, normalmente se apresentam em coleções com livros para os diferentes anos de um segmento escolar e se destinam a desenvolver o conteúdo curricular das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Geografia etc. Muitas vezes, no entanto, as escolas adotam, em conjunto ou não com os didáticos, livros chamados de paradidáticos. Os livros da Coleção de Olho na Ciência mencionados na introdução estão dentro deste grupo.

Segundo o Glossário Ceale¹¹, o termo paradidático surgiu como adjetivo para qualificar materiais que, embora usados dentro do contexto escolar, não se associariam a uma determinada série ou segmento como os livros didáticos, tratando de um tema de forma mais aprofundada e respondendo bem a possibilidades de trabalhos interdisciplinares que os temas transversais sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais¹² a partir de 1997. O termo, entretanto, passou a ser usado como substantivo ao designar esse tipo de produção editorial e, embora a sua grande variedade impossibilite uma caracterização, alguns pesquisadores¹³ se perguntam se poderia constituir um gênero discursivo.

Apesar dessa possibilidade de trabalho interdisciplinar, muitos dos livros paradidáticos estão relacionados a uma determinada disciplina, como é o caso da Coleção de Olho na

¹¹ Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG. O verbete “paradidáticos” foi escrito por Egon de Oliveira Rangel da PUC-SP e está disponível em:
<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/paradidaticos>

¹² Diretrizes curriculares publicadas pelo Governo Federal entre 1997 e 1998 e que sugeriam temas transversais, ou seja, que deveriam ser trabalhados por diferentes disciplinas.

¹³ Essa informação é fornecida pelo Glossário Ceale, não havendo, entretanto, uma explicitação desses pesquisadores. No entanto, cito aqui as referências usadas por Egon de Oliveira Rangel nesse verbete: MUNAKATA, K. Produzindo livros didáticos e paradidáticos. 1997. Tese (Doutorado em Educação) PUC-SP, São Paulo: 1997.

RANGEL, E. O. Material adequado, escolha qualificada, uso crítico. In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H.(orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação a Distância, 2006.

Ciência. Devemos observar também que livros de literatura foram adotados nas escolas nomeados como paradidáticos. Em sua dissertação de mestrado em que estuda um livro informativo para crianças, Ana Paula Campos abordando as distinções entre didáticos, paradidáticos e livros informativos, toca nessa questão.

Entre os paradidáticos pode haver diferentes categorias de livros, ficcionais ou não, como informativos, de poesia, romances e outros. Dessa maneira, informativos podem ser adotados como paradidáticos, porque em geral tratam de temas complementares aos conteúdos didáticos, mas nem todos os paradidáticos são informativos. (CAMPOS, 2016, p.86).

Recentemente, no entanto, tomei conhecimento da rejeição que o uso do termo paradidático para os livros literários usados em contexto escolar acarreta entre muitos autores e editores de literatura. Durante o 22º Seminário FNLIF Bartolomeu Campos de Queirós— quando uma pergunta sobre isso foi feita durante a Mesa que abordava o livro de poesia ganhador do prêmio deste ano¹⁴, Eliane Debus, professora da UFSC, e Marcelo Del’Anhol, editor da Olho de Vidro, responderam à questão afirmando o conceito de paradidático visto acima e enfatizando o fato de que, de acordo com esse conceito, os livros literários não podem ser vistos como livros de apoio aos didáticos de literatura.

Em artigo que aborda didatização, divisão por faixas etárias e formação de leitores, Ricardo Azevedo afirma:

A nosso ver, textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, têm seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores. É preciso que, concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva. É necessário que alguém chore, sonhe, dê risada, fique emocionado, fique identificado, comungue, enfim, com o texto, para que ocorra a formação do leitor. (AZEVEDO, 2003)

Embora Azevedo esteja se referindo aos livros didáticos em oposição aos literários, acredito que o mesmo pensamento possa se estender aos paradidáticos que têm função de complementar conteúdos trabalhados dentro do contexto escolar.

¹⁴ Mesa Livro de Poesia: Prêmio FNLIF Odylo Costa Filho, da qual participaram Eliane Debus (UFSC) e Maria Laura Pozzobon (UDESC) como leitoras votantes e Leo Cunha e Marcelo Del’Anhol (Edições Olho de Vidro), tradutor e editor do livro de poesia vencedor do prêmio deste ano: Balada da estrela e outros poemas de Gabriela Mistral.

Diante dessa discussão e, uma vez que os livros que, em parte, geraram meu interesse no tema deste trabalho – e que misturam ficção e não-ficção – eram nomeados como paradidáticos na época em que os adotei, decidi consultar sites de algumas editoras para verificar se houve alguma mudança na nomeação desses livros e de alguns outros que, como pretendo abordar adiante, parecem transgredir esses limites.

Uma busca nos sites das principais editoras que veiculam materiais para contexto escolar, mostra que algumas delas deixaram de usar o termo paradidático na apresentação de seus materiais. Nos sites das editoras Moderna e Ática (na verdade, hoje parte de um conglomerado de editoras que inclui Atual, Caramelo, Scipione, Formato e Saraiva¹⁵) não existem abas de navegação com esse termo. Entretanto, ao abrirmos a aba **Literatura**, encontramos filtros que podem nos conduzir a livros que cumprem essa função de apoio ao ensino. É possível localizá-los usando filtros como “tipo de obra”, “não-ficção”, “temas contemporâneos”, “gênero”, “temática”, “ciência e tecnologia”, “ética”, “almanaque”, entre outros.

No caso da Editora Positivo, o termo também não aparece na página inicial em que há a diferenciação entre livros didáticos e de literatura. Quando acessamos a página do catálogo de literatura, entretanto, há uma divisão entre literatura e paradidáticos e estes são apresentados como “livros que dialogam com os didáticos” aproximando o conceito da definição do Glossário Ceale, mencionada acima. É, ainda, interessante notar que ao abrirmos a página dos paradidáticos eles são apresentados como “livros informativos de ficção e não-ficção”, deixando mais clara a escolha da editora de colocá-los na aba de literatura e não junto aos didáticos.

O site da editora FTD também não apresenta uma aba destinada aos paradidáticos e a aba “Literatura”, que não possui filtros, mostra o catálogo completo. No entanto, com uma passada de olhos pelos títulos vemos, por exemplo, “Amigos da Amazônia” ou “Que planeta é esse?”. O termo paradidático aparece na página inicial quando usamos a barra de rolagem até o pé da página onde podemos acessar os catálogos de “Literatura e paradidáticos” em pdf. Esses catálogos apresentam uma divisão entre livros literários e paradidáticos. Mas aí também podemos encontrar, por exemplo no catálogo de livros

¹⁵ O catálogo dessas editoras é apresentado em conjunto numa mesma plataforma denominada Coletivo Leitor.

infantis, na parte de literatura um livro chamado “Água” que conta a história de como a construção de uma barragem impacta um vilarejo indiano e na parte de paradidáticos um outro chamado “ABC da solidariedade” que conta a história de uma menina que ajuda um cachorrinho abandonado na rua.

Os exemplos citados aqui não são, de forma alguma, uma crítica a como as editoras classificam esses livros ou a como dispõem as informações em seus sites. Busco utilizar esses dados como forma de mostrar que esses limites que poderiam existir entre livros de literatura (ficção) e livros informativos (não-ficção) têm se tornado muito estreitos ou até inexistentes. Além disso, penso que não utilizar o termo paradidático, tão relacionado ao contexto escolar, poderia abrir a possibilidade de ampliar o uso dessas obras em situações não-escolares. Famílias e bibliotecas podem (ou devem, dada a relevância de muitos dos temas tratados) também se interessar por livros informativos e incentivar sua leitura.

Os livros escolhidos para este trabalho fazem parte do catálogo de duas editoras: Brinquebook (que atualmente faz parte do Grupo Cia. Da Letras) e Peirópolis. Ambas possuem títulos que foram aprovados em programas governamentais de compras e distribuição de livros para escolas e elaboram materiais de apoio aos educadores. No entanto, não usam o termo paradidático e a forma como apresentam o catálogo e os filtros que utilizam podem chamar a atenção para a leitura em contextos não escolares. Em conversa com Renata Farhat Borges, da Editora Peirópolis, sobre a divulgação dos livros informativos em escolas e a não utilização do termo paradidático, ela comentou que não olha o currículo escolar para editar uma obra. Segundo a editora, se o livro “for autêntico, for bom e tiver a sorte de ser semeado em terra fértil, teremos uma repercussão escolar interessante”. O que Renata chama de terra fértil é a escola que tem a “compreensão de que a literatura está conectada com a vida e que a leitura deve fazer parte da vida do jovem em todas as disciplinas”. Ela complementa dizendo que não faz sentido usar o termo paradidático que tem a ver com o mercado escolar, mas que mesmo o MEC não usa mais no PNLD¹⁶.

¹⁶ Programa Nacional do Livro Didático.

2.2 Regras para serem quebradas... ou transformadas

Na segunda parte do livro *Ler e saber: os livros informativos para crianças*, Ana Garralón lista alguns elementos e características típicas de livros informativos e cita exemplos como uma forma de ajudar mediadores na avaliação e seleção de bons títulos. Não é à toa, entretanto, que o capítulo que introduz essa parte da obra chama-se “Um novo conceito de livro”, já que a autora procura mostrar como, em muitos títulos, esses elementos e características se transformam ou até deixam de existir sem que se perca a qualidade da informação e da forma como ela é transmitida (GARRALÓN, 2015).

Quando analiso várias das observações feitas pela autora, penso em como muito do que é mencionado aproxima os livros informativos dos livros ficcionais para a infância que lemos e discutimos ao longo de nosso curso. Isso acontece, por exemplo, quando ela mostra que bons autores de livros informativos não precisam, necessariamente, ser especialistas da área abordada e cita exemplos de artistas ilustradores que se dedicaram a obras de caráter informativo para crianças. Ou quando menciona que títulos criativos e divertidos também são muito bem vindos para atrair os leitores para esse tipo de publicação, o mesmo acontecendo com o texto que costuma ocupar a quarta capa. Ou ainda, quando aborda o uso das guardas com elementos ligados ao que o livro vai tratar, muitas vezes já iniciando a narrativa ou exposição do tema.

Garralón, realmente, aborda essa questão dos limites que se estreitam:

O que chamamos livros informativos é o que se considera como ‘não-ficção’ no contexto anglo-saxão, em que tudo o que não é ficção é atribuído a esse conjunto de livros. E, nele, muitos livros são classificados como livro-álbum, livro ilustrado ou livro para bebês sem que se dê conta de que cumprem a função de transmitir conhecimento. Biografias, vida cotidiana, alimentação, artesanato, jardinagem e até mesmo HQ. (GARRALÓN, 2015, p.30).

Essa delimitação também aparece nas estantes da biblioteca onde trabalho. No Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo, há livros classificados como informativos e outros como livros-brinquedo, categoria que inclui livros com enigmas a serem decifrados ou usam de engenharia do papel para apresentar o conteúdo de uma

forma lúdica. Dessa forma, temos os livros de Neal Layton¹⁷, que apresentam páginas recheadas de pop-ups, classificados como livros-brinquedo, mas é inegável que eles estão igualmente recheados de informações narradas com bastante humor, sobre astronomia, origem do universo, história da vida na Terra, história da tecnologia e das invenções humanas. Por outro lado, na estante dos informativos há livros sobre animais que contêm peças para a montagem dos “personagens” abordados e livros sobre o corpo humano com técnicas de engenharia de papel que atraem muito os pequenos leitores que bem poderiam considerá-los como livros-brinquedo. Informação, arte e ludicidade se misturam e os catalogadores nem sempre são unânimes nas soluções que dão para a organização do acervo. Isso nos ajuda a perceber a questão dos limites tênues entre livros informativos e ficcionais atualmente e a necessidade de que um bibliotecário mediador conheça muito bem o seu acervo. Se estiver planejando usar livros informativos, deverá estar atento a ambas as classificações.

Ao analisar os títulos escolhidos para meu trabalho, procuro abordar algumas das características mencionadas por Garralón no seu livro. Antes de falar deles, entretanto, apresento brevemente o livro *O verde e a vida: compreendendo o equilíbrio e o desequilíbrio ecológico*, um dos títulos da Coleção de Olho na Ciência que usei em meu trabalho como professora.

¹⁷ A história das coisas, A história de tudo e A história das estrelas, de Neal Layton publicados, aqui no Brasil, pela Companhia das Letrinhas.



Capa da 6ª edição - 1996

Faço essa apresentação porque como abordei anteriormente, a coleção se utiliza dessa mistura de ficção e não-ficção e esta obra, em particular, possui títulos e subtítulos dos capítulos– *Na calada da noite; Cada qual no seu canto; Entrelaçando; Rompendo os laços; Como uma colcha de retalhos* – e alguns trechos do texto informativo que soam bastante poéticos:

Sinais de vida

Sons produzidos no jardim são um exemplo disso. Feche os olhos e tente imaginá-los. Talvez o ruído suave do vento nas folhas da goiabeira se combine com o canto do sabiá escondido entre as plantas, ou mesmo com o zumbido das abelhas, das vespas e dos marimbondos. Mais fácil de se distinguir é o som estridente das cigarras ou o chamado do bem-te-vi. (TOKITAKA e GEBARA, 1996, p.12)

Há uma delimitação muito nítida entre a parte ficcional e a não ficcional, embora elas se relacionem. No livro *O verde e a vida*, a parte ficcional conta a história da luta de alguns alunos para defender uma goiabeira que a direção de sua escola pretende cortar para ampliar o estacionamento. Toda a comunidade se envolve e um especialista é chamado para uma palestra e esse é o mote para a parte não-ficcional, como se fosse o

desenvolvimento das ideias do palestrante. Na quarta capa da edição de 1996, a editora informa que essa é uma “estrutura inédita” e acrescenta que a ficção narrativa, presente nos livros da coleção, é “sempre uma história agradável, em que se procura trabalhar o interesse do leitor e cativar sua curiosidade”.



Uma árvore em perigo

Imagine uma escola numa pequena cidade, por fora ela é um prédio antigo, de três andares. No térreo, logo na entrada, paredes cobertas de quadros de avisos e cartazes; a direita, a sala da diretoria; depois, algumas salas de aula ao longo do corredor. Nos dois andares superiores estão mais salas de aula, a biblioteca, o departamento de orientação pedagógica e um auditório para sessenta pessoas. Bem em frente, fica o salão dos professores, com sua grande mesa, um velho sofá, cadeiras e armários de madeira junto as paredes.

No centro da construção, encontra-se um grande pátio. É ali que a escola desta história começa a ficar diferente de qualquer outra do Brasil. O que nos outras escolas é apenas um pátio de recreio, nesta é um lugar que pertence a cada um dos que ali estudam ou trabalham. Um lugar do

qual eles se orgulham e cuidam com todo o carinho. É nesse local que, nos intervalos entre as aulas, os personagens desta história gostam de ficar. Sob as árvores maiores há sombra nos dias ensolarados e é possível ouvir uma verdadeira sinfonia de passarinhos, farfalar de folhas e zunidos de insetos. Uma rede de vôlei no meio do amplo gramado é o centro das atrações, sempre que se formam duas equipes entre os ditos jogadores e jogadoras da escola.

Mais ao fundo do pátio, encostada ao muro que faz a divisão do terreno da escola com a parte traseira do terreno da Prefeitura Municipal, há uma velha jabuticabeira. Ela é conhecida por todos os alunos — e por muita gente nessa cidade, onde a árvore foi plantada há muitos anos — pelo nome de Velha Companheira. Seus galhos se elevam sobre o muro divisorio, tanto do lado da escola, quanto do lado

da Prefeitura, e todos os anos se enchem, primeiro de flores, depois de jabuticabas grandes e bem pretas.

A Velha Companheira é, de longe, a árvore preferida por todos, embora não seja nem a mais antiga, nem a mais imponente. O fato de ser frutífera também não é o motivo dessa preferência, já que há outras, como a amoreira, a pitangueira e a mangueira Coração-de-Boi, cujos frutos também podem proporcionar uma excelente sobremesa após o sanduíche da cantina de sua Manóla.

Nossa história conta justamente por que a Velha Companheira é uma árvore tão importante nessa escola, que, à primeira vista, é igualzinha a tantas outras escolas brasileiras.

II

Agora que você já conhece o cenário, é hora de saber como tudo começou. Foi numa tarde de outubro, durante a terceira aula do período.

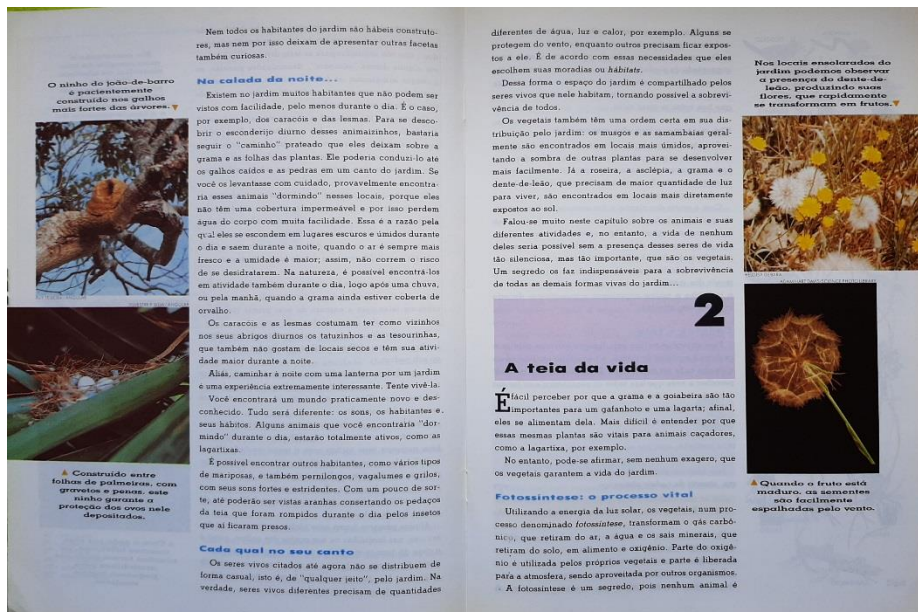
A classe de Zé Neto, a 7ª série B, esta-

va tendo aula de Educação Física no pátio. O professor Moacir comandava os exercícios de aquecimento dos quinze garotos da classe, antes do teste de vôlei, marcado para a segunda parte da aula.

José Antônio de Oliveira Castro Neto — este era o nome inteiro de Zé Neto — estava encostado sobre o gramado. “Que cara”, pensava ele, “ter escorregado e quebrado a perna justo quando está chegando a época do campeonato”. O garoto era o grande “cotador” da seleção de vôlei da escola e o acidente que sofrera cinco dias atrás ia deixá-lo de fora das quadras por pelo menos sessenta dias. Por isso agora ele só observava os movimentos de seus colegas de classe, coreando em cadência moderada, flexionando braços e pernas, respirando ritmicamente.

Perdido em seus pensamentos, foi por acaso que ele percebeu quando o Alcináta — o funcionário da escola encarregado dos serviços de manutenção — atravessou o pátio acompanhado por dois homens, em direção à jabuticabeira. “Esses Alcináta não são tres encerra” — resmungou Zé Neto

Trecho da ficção que inicia *O verde e a vida*.



O ninho do joão-de-barro é praticamente construído nos galhos mais fortes das árvores.



Construído entre folhas de palmeiras, com urucutins e penas, este ninho garante a proteção dos ovos nele depositados.

Nem todos os habitantes do jardim são hábeis construtores, mas nem por isso deixam de apresentar outras facetas também curiosas.

Na calada da noite...

Existem no jardim muitos habitantes que não podem ser vistos com facilidade, pelo menos durante o dia. É o caso, por exemplo, dos caracóis e das lesmas. Para se descobrir o esconderijo diurno desses animadinhos, bastaria seguir o “caminho” traçado que eles deixam sobre a grama e as folhas das plantas. Ele poderia conduzi-lo até os galhos caídos e as pedras em um canto do jardim. Se você os levantasse com cuidado, provavelmente encontraria esses animais “dormindo” nesses locais, porque eles não têm uma cobertura impermeável e por isso perdem água do corpo com muita facilidade. Essa é a razão pela qual eles se escondem em lugares escuros e úmidos durante o dia e saem durante a noite, quando o ar é sempre mais fresco e a umidade é maior; assim, não correm o risco de se desidratarem. Na natureza, é possível encontrá-los em atividade também durante o dia, logo após uma chuva, ou pela manhã, quando a grama ainda estiver coberta de orvalho.

Os caracóis e as lesmas costumam ter como vizinhos nos seus abrigos diurnos os tatuzinhos e as tesourinhas, que também não gostam de locais secos e têm sua atividade maior durante a noite.

Aliás, caminhar a noite com uma lanterna por um jardim é uma experiência extremamente interessante. Teste vivê-la. Você encontrará um mundo praticamente novo e desconhecido. Tudo será diferente: os sons, os habitantes e seus hábitos. Alguns animais que você encontrará “dormindo” durante o dia, estarão totalmente ativos, como as lagartixas.

É possível encontrar outros habitantes, como vários tipos de mariposas, e também pernilongos, vagalumes e grilos, com seus sons fortes e estridentes. Com um pouco de sorte, até poderão ser vistas aranhas consertando os pedaços da teia que foram rompidas durante o dia pelos insetos que ali ficaram presos.

Cada qual no seu canto

Os seres vivos criados até agora não se distribuem de forma casual, isto é, de “qualquer jeito”, pelo jardim. Na verdade, seres vivos diferentes precisam de quantidades

diferentes de água, luz e calor, por exemplo. Alguns se protegem do vento, enquanto outros precisam ficar expostos a ele. É de acordo com essas necessidades que eles escolhem suas moradas ou habitats.

Dessa forma o espaço do jardim é compartilhado pelos seres vivos que nele habitam, tornando possível a sobrevivência de todos.

Os vegetais também têm uma ordem certa em sua distribuição pelo jardim: os musgos e as samambaias geralmente são encontrados em locais mais úmidos, aproveitando a sombra de outras plantas para se desenvolver mais facilmente. Já a roseira, a acácia, a grama e o dente-de-leão, que precisam de maior quantidade de luz para viver, são encontrados em locais mais diretamente expostos ao sol.

Falou-se muito neste capítulo sobre os animais e suas diferentes atividades e, no entanto, a vida de nenhum deles seria possível sem a presença desses seres de vida tão silenciosos, mas tão importantes, que são os vegetais. Um segredo os faz indispensáveis para a sobrevivência de todas as demais formas vivas do jardim...

Nos locais ensolarados do jardim, podemos observar a presença do desato dielício, produzido pelas flores, que rapidamente se transformam em frutos.



Quando o fruto está maduro, os amentos são espalhados pelo vento.

2

A teia da vida

É fácil perceber por que a grama e a goiabeira são tão importantes para um gafanhoto e uma lagarta; afinal, eles se alimentam dela. Mas difícil é entender por que essas mesmas plantas são vitais para animais caçadores, como a lagartixa, por exemplo.

No entanto, pode-se afirmar, sem nenhum exagero, que os vegetais garantem a vida do jardim.

Fotossíntese: o processo vital

Utilizando a energia da luz solar, os vegetais, num processo denominado fotossíntese, transformam o gás carbônico, que retiram do ar, e água e os sais minerais, que retiram do solo, em alimento e oxigênio. Parte do oxigênio é utilizada pelas próprias plantas e parte é liberada para a atmosfera, sendo aproveitada por outros organismos.

A fotossíntese é um segredo, pois nenhum animal é

Exemplo de como está estruturado o texto não ficcional de *O verde e a vida*.

Outro ponto interessante é o fato de que o conteúdo do livro começa a ser apresentado já nas páginas iniciais da folha de rosto e do sumário. Sabemos que a ocupação dessas páginas ou mesmo das guardas dos livros têm sido comum em livros para a infância e Garralón, comenta que os novos projetos gráficos “consideram que as crianças ao abrirem os livros já desejam começar a ler, por esse motivo, muitos autores começaram a incluir algum tipo de material também nos livros informativos” (Garralón, 2015, p. 75).

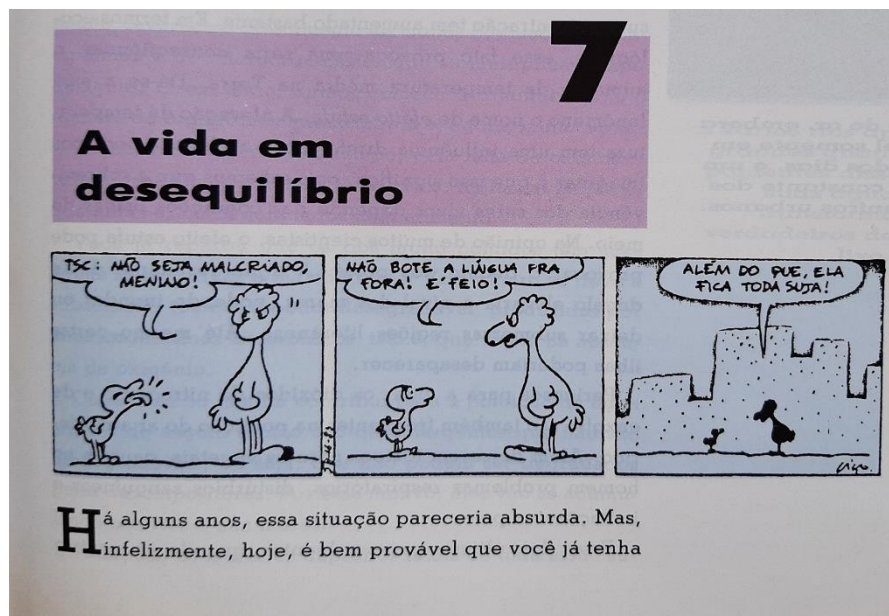


Folha de rosto de *O verde e a vida*. A informação começa aqui: “O progresso pode levar a uma vida quase sem verde...”

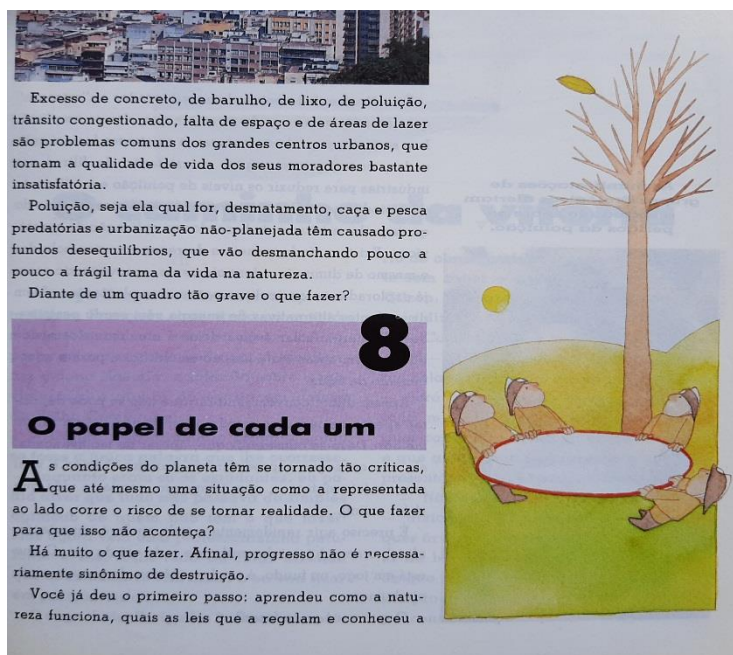


Páginas do sumário e introdução: “...e, muitas vezes, a um verde quase sem vida”. Imagem e legenda complementam a informação iniciada na folha de rosto.

Além disso, ainda podemos destacar que, além das fotos, há ilustrações que incluem tirinhas e charges.



Tirinha presente na página 29 da edição de 1996.



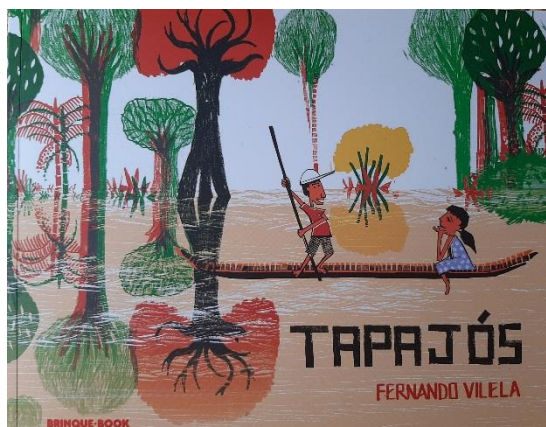
Charge da ilustradora Lúcia Brandão na página 37.

Esta breve apresentação do livro *O verde e a vida*, finaliza esta parte do trabalho e serve como um ponto de partida para o desenvolvimento que segue. Isso porque dentro da minha trajetória pessoal que inspirou este trabalho, essa obra serve como comparação com os livros que serão objetos da minha análise. Ela representa para mim um embrião daquilo que viria a ser um ponto importante da minha profissão atual; unir o amor pela literatura para a infância e pela ciência.

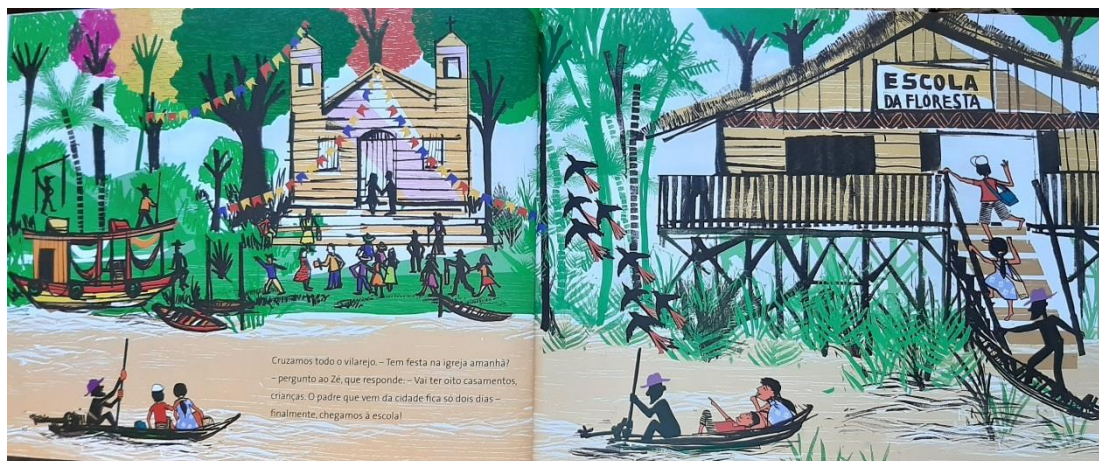
3. A título de exemplo – livros que transcendem limites

3.1 Sobre os livros escolhidos para discussão

Tapajós – Fernando Vilela – Editora Brinquebook




Fernando Vilela escreve e ilustra esta história em que Cauã narra a aventura vivida com sua irmã Inaê para resgatar seu jabuti de estimação que foi deixado para trás quando a família precisou se mudar devido ao período de cheia do Rio Tapajós durante o qual a vida da população ribeirinha se transforma. Texto e imagens nos contam um pouco sobre o aspecto do rio, fauna e flora da região e o modo de vida dos moradores. A história inicia com a ida das crianças para a escola usando o meio de transporte típico da região – o barco – e em seu trajeto podemos ver o aspecto da vegetação, alguns animais e como são as construções que existem à beira do rio. Com o início da chuva as crianças têm que voltar para casa, onde a família já se preparou para levar todos seus pertences e animais de criação para um local seco da floresta. Depois de tudo instalado, Inaê e Cauã resolvem voltar (desobedecendo sua mãe, claro) para buscar Titi que foi esquecido na pressa da mudança. Esse retorno das crianças permite que, através das ilustrações, o leitor apreenda a transformação que se dá na paisagem e que exige a transferência da população.




Duplas de páginas que mostram a paisagem em dois momentos na vida de Inaê e Cauã: durante a vazante e a cheia do Rio Tapajós.

Ao final há mais algumas informações sobre o Rio Tapajós, seus igapós e igarapés, além de dados sobre o clima da região amazônica e sua influência sobre a vida das crianças e dos adultos que vivem à beira dos rios e canais. Fernando Vilela nos conta também sobre a viagem que o inspirou a escrever essa história.



SOBRE O TAPAJÓS

O Tapajós é um dos maiores rios da Amazônia, com 1770 quilômetros de comprimento. Ele nasce em Mato Grosso e também deságua no Rio Amazonas através do Canal do Iari, na cidade de Santarém, no estado do Pará, onde se passa essa história. É uma região muito rica em fauna e flora, onde encontramos jacarés, gaviões, cobras, diversas espécies de pássaros, árvores de até 40 metros de altura e enormes vitórias-regias. Apesar de sempre fazer calor na região amazônica, os habitantes chamam o período das chuvas (de dezembro a maio) de “inverno” e o das vazantes (de junho a novembro), quando chove menos, de “verão”. Quando chove, é água que inunda as casas e boa parte da floresta. Esses trechos de floresta alagada chamam-se igapós. Quando as águas baixam e o volume do rio diminui, fica difícil andar de barco nos braços menores dos rios, conhecidos como igarapés. Muitas pessoas vivem ao longo dos rios amazônicos e são chamadas de “populações ribeirinhas”. O dia a dia dessas pessoas é bem diferente do dos habitantes das cidades: moram em casas construídas sobre palafitas, dormem em rede e, em vez de usarem carros e ônibus, andam de barco. Na época da cheia, muita gente precisa mudar de casa, e até as escolas ficam fechadas. As crianças aproveitam para jogar futebol e brincar, como em qualquer outra parte do Brasil.




CANAL DO IARI

A VIAGEM

Agradeco a Stela Barbieri, flor e companheira de viagens.

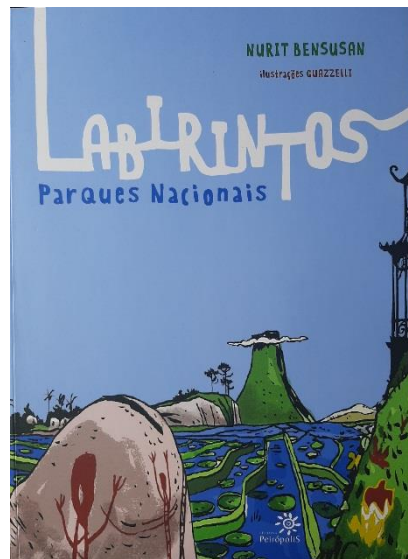
“Em julho de 2006, eu e minha companheira Stela passamos 15 dias em Alter do Chão, uma vila de pescadores na beira do rio Tapajós. Fizemos amizade com um pescador chamado Rui, que nos levou de barco para conhecer boa parte dessa região. Era época de cheia e tudo estava inundado. Ao passar pelo Canal do Iari, encontramos uma vila ribeirinha fantasma. Entramos em igrejas e escolas vazias. Todos tinham se mudado. Quem tinha criação havia levado seus animais. Ali estávamos, passando de barco naquele mundo transbordante, onde muitas casas só se mostravam pela metade. Já no verão amazônico, o visual é completamente diferente. Chega-se aos lugares por terra, e, nas margens dos rios, as estruturas das casas de palafitas criam um verdadeiro espetáculo gráfico.”

O AUTOR



Além de escrever e ilustrar livros, Fernando Vilela é artista plástico e ministra cursos, palestras e oficinas sobre arte e ilustração. Já recebeu muitos prêmios por seus livros (incluindo quatro Jabuti) e expôs suas obras no Brasil e no exterior. Tem trabalhos em coleções de museus importantes, como o do MetMA de Nova York e da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Para criar as ilustrações deste livro, Fernando misturou técnicas de silografia (gravura em madeira), desenho e colagem, além de recursos digitais. Apaixonado pela Floresta Amazônica, numa de suas viagens para lá surgiu a ideia deste livro. Para conhecer mais seu trabalho, acesse: www.fernandovilela.com.br.

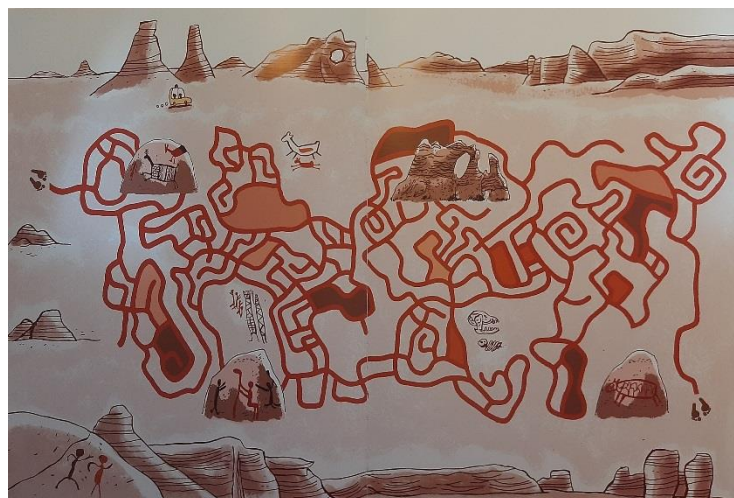
Labirintos: Parques Nacionais – Nurit Bensusan e Guazzelli – Editora Peirópolis



Publicado em formato e tamanho que lembram um atlas geográfico, Labirintos possui mapas nada convencionais que brincam com o jogo infantil em que a criança segue com o dedo diferentes caminhos até encontrar aquele que a faça chegar ao objetivo. O sumário apresenta o nome de cada Parque Nacional ligado por uma linha ao número da página e a símbolos representativos que os localizam no mapa do Brasil. As linhas, no entanto, se embaralham de forma que a brincadeira com o labirinto já começa aí.



Cada parque é descrito em quatro páginas, duas com uma ilustração inicial e textos e outras duas páginas ilustradas com o labirinto em meio ao qual se observam animais, plantas, aspectos da geologia e/ou construções humanas que ajudam a identificar as características locais. Nem sempre os elementos presentes no labirinto estão mencionados no texto, de forma que texto e imagem se complementam e podem gerar perguntas não respondidas, incentivando novas pesquisas. Os textos trazem algumas informações mais convencionais como localização, área, data de criação, dados sobre fauna e flora e outras curiosas que, na verdade, são aquelas que dão um sabor especial ao que é relatado. Afinal, não é em qualquer texto informativo que podemos saber que há bodes em Abrolhos e que há uma lenda para explicar isso. Ou que as pessoas passam alho nas crinas dos cavalos em Aparados da Serra para que as bruxas não trancem suas crinas.

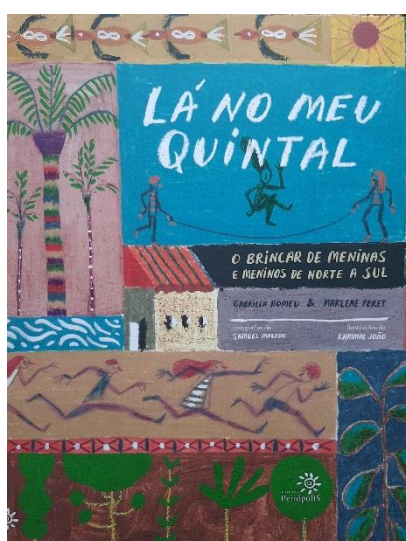


Exemplo de como se estrutura cada capítulo de Labirintos.

Há, ainda informações na introdução que explica o que são parques nacionais e na parte final do livro com dicas sobre como visitar os parques nacionais sem prejudicar o ambiente. A forma bem humorada de dar as informações está presente mesmo quando se trata de uma discussão mais séria:

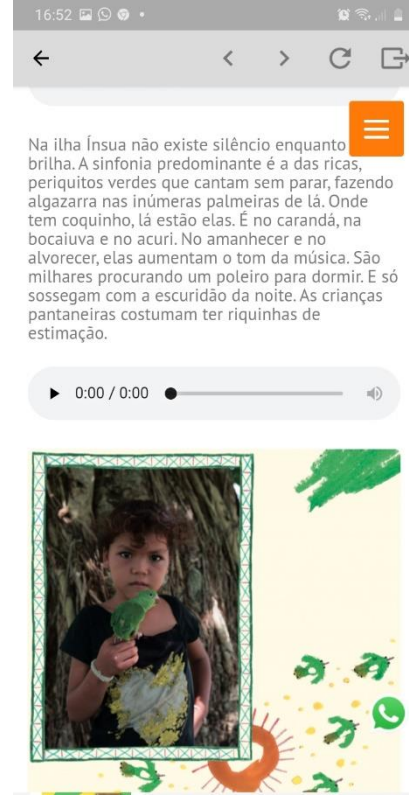
O desafio continua sendo conservar a diversidade biológica do país sem causar mais exclusão social e sem prejudicar as comunidades locais. Isso sim é um tremendo labirinto.... (BENSUSAN, 2002, p.3)

Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de norte a sul – Gabriela Romeu e Marlene Peret – Fotografias de Samuel Macedo e Ilustrações de Kammal João



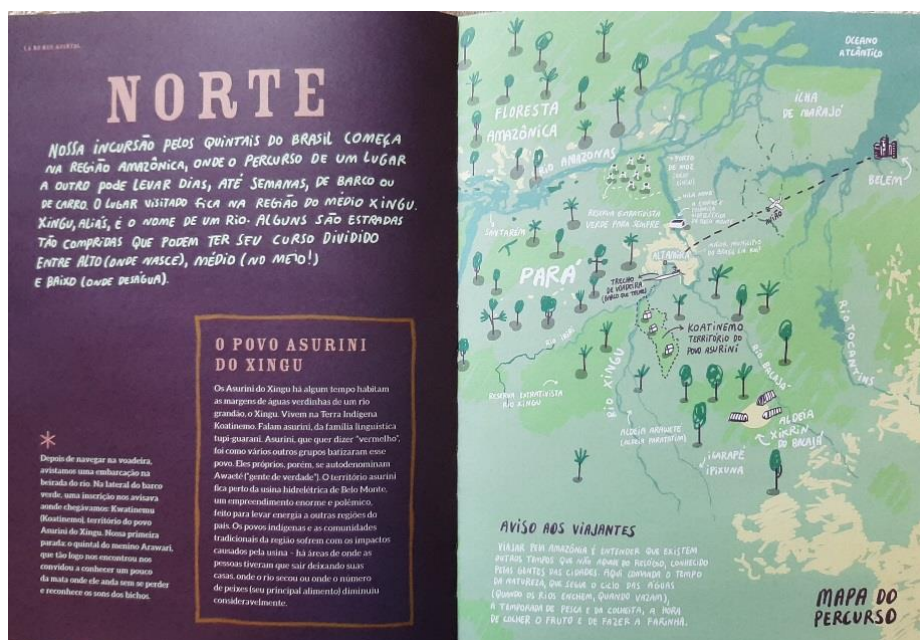
A publicação desse livro é um dos frutos¹⁸ de várias viagens realizadas pelas jornalistas Gabriela Romeu e Marlene Peret por diversas localidades de doze estados do Brasil ao longo de dez anos. Para compor o livro as autoras selecionaram os relatos sobre brincadeiras e vivências de algumas crianças em cada região do país. Os relatos escritos são acompanhados de ilustrações e fotografias (muitas delas com intervenções do ilustrador), bem como de vídeos e áudios das crianças em seus quintais que podemos acessar por meio de códigos QR ao longo do livro. Os arquivos acessados, muitas vezes, além do vídeo ou áudio, apresentam também um texto curto com mais informações.

¹⁸ Outros frutos dessas viagens para registrar brincadeiras são o projeto **Mapa do Brincar** do antigo suplemento “Folhinha” do jornal *Folha de São Paulo* e o projeto **Infâncias**, disponível no site www.projetoinfancias.com.br.



Imagens obtidas a partir de prints das telas acessadas por meio de dois dos códigos QR do livro

Cada região e sua criança compõe um capítulo do livro. E cada capítulo segue uma estrutura básica, começando com a apresentação e localização (por meio de um mapa ilustrado) da comunidade visitada.



Em seguida há a apresentação da criança (ou das crianças, como é o caso dos irmãos Welleton e Joel, no capítulo do Centro-Oeste) cuja história e vivências serão contadas com mais detalhes



NO QUINTAL DO ARAWARI

PRIMEIRA PARADA: O QUINTAL DO MENINO ARAWARI

YOAPEIRA
(É BARRIO COM MUITO)

Arawari tem uma floresta no quintal - ou seria um quintal na floresta? Tanto faz. É de lá que surgem brinquedos feitos de sementes, tocos de árvore e plantas: por exemplo, um cata-vento de folhas de mangueira. Já a folhagem da palmeira, enrolada com habilidade, dá brinquedos sonoros, apitos. E é da matéria do chão que o menino faz nascer os muitos bichos que habitam toda a floresta: com o mesmo barro usado por seu povo para esculpir vasos e vasilhas, ele cria papagaio, jabuti, tamandua, paca, anta e outros animais grandes.

Bicho grande também parecia haver por perto quando entramos na mata, por uma trilha úmida e verde para buscar o barro ideal para a produção de cerâmica com a família de Arawari. Tuwá, a mãe. Manduka, o pai e cacique da aldeia, e alguns dos irmãos. No caminho, ouvimos passos ligeiros e folhas secas estalarem. Não sabíamos se olhávamos para o chão, a fim de escapar de cobra e formiga, ou se olhávamos para cima, evitando nos enroscar em galhos que abraçavam atalhos. Ou, ainda, se ficávamos atentos aos sons da mata, quase todos indistinguíveis por nós.

As vezes, Manduka, que já foi atacado por onça em caçadas pela mata, parava para escutar algo que nem sequer tinha chegado à nossa percepção. Seria algum bicho rondando? Um felino? Bem, esse animal só surgiu das mãos de Arawari, modelado com muito capricho no barro colhido na mata.

E também na floresta: quintal ou no quintal-floresta que Arawari acompanha o pai, os tios e os avós em incursões para caçar. Para praticar essa atividade, desde bem pequenos, os meninos asurini aprendem com os mais velhos da aldeia, até ganharem pernas e braços compridos - ou seja, independência nas caçadas.

O pequeno caçador nos contou que o grupo parte da aldeia para o centro da floresta à tardinha. Lá eles encontram um bom lugar para espertar a caça - um porco-do-mato, por exemplo. Pode ser perto de uma árvore que dá frutos de que o animal goste. Eles sabem a que hora o bicho costuma comer e qual é seu alimento preferido. Em silêncio, todos os caçadores ficam à espera. Conhecem os perigos: se o bicho está com filhote, fica bem bravo. Quando a caça é um animal grande, surge outro desafio: voltar para casa carregando o bicho nas costas. Ao chegar à aldeia, dependendo do tamanho, a carne é dividida entre as famílias. As crianças ficam alvoroçadas com a notícia, descem o barranco para ver de perto a novidade. E depois voltam a subir a ribanceira carregando a futura refeição.

Foi uma cena dessas que avistamos nos dias que passamos na aldeia de Arawari, que estava por ali, sabido e sorridente, explicando tudo aos curiosos visitantes. Os homens, ajudados pelas mulheres, dividiam uma anta que, para nós, era enorme - e, para eles, apenas grande. Depois da partilha, cada família, com ajuda das crianças, carregou as partes preferidas. Pouco tempo depois, algumas fogueiras nos arredores das casas já assavam a caça do dia, e o cheiro anunciava a refeição. Até nós ganharmos um bom pedaço, o que evitou que nosso jantar fosse mais uma vez macarrão, atum em lata e abobrinha.

O RUÍDO DOS PÉS NAS FOLHAS

18

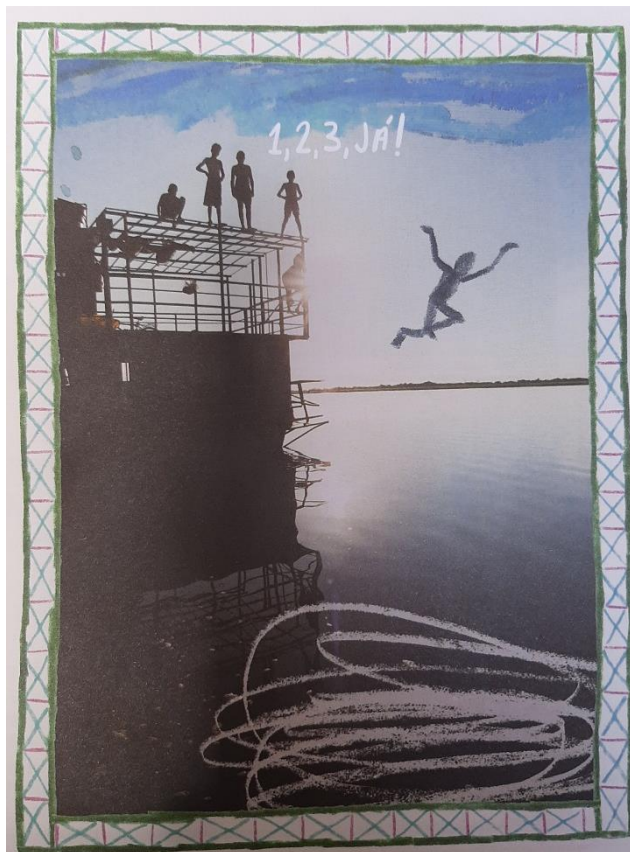
Na terceira parte – “Mapa do quintal” – encontramos a caracterização do local onde a criança vive e os relatos das suas brincadeiras. Por fim, a seção “Outros Brincades” amplia nosso conhecimento, mostrando brincadeiras de outras comunidades e estados da região.



Os mapas presentes na obra são ilustrações onde não há escala, mas há muita poesia e graça nas informações apresentadas, seja sobre os pontos geográficos importantes (“o grandão Amazonas”; “o verdinho Xingu” – ps.21-22), seja sobre referências da população local (“lugar bom pra espreitar bicho” – p.21, “canoa guató é feita de um pau só” – p.67) ou das experiências de viagem da equipe (“as melhores histórias são com cafezinho” – p.45, “ônibus abafado” – p.57, “lança com bagagem esperando as ondas baixarem” – p.69). Poesia, arte e ludicidade estão presentes ao longo de todo o livro também nas legendas de fotos e desenhos.



Mapa do quintal do menino Arawari Asurini – região Norte (páginas 22 e 23).



É muito importante perceber que os relatos presentes neste livro não se resumem à questão das brincadeiras, trazendo também informações escritas e visuais sobre o modo de vida das pessoas (de que se alimentam, como cozinham, como se locomovem, como é a escola) e sobre as características ambientais, como as pessoas da comunidade interagem entre si e com o ambiente e com os demais seres vivos ali existentes.

Em 2020, *Lá no meu quintal* recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria de livro informativo – produção de 2019.

3.2 Por que estes livros?

O primeiro ponto que influenciou na escolha desses três títulos é o fato de abordarem ambientes do nosso país, tratando-os tanto do ponto de vista das ciências naturais, como das ciências humanas, já que os aspectos sociais estão presentes nos três livros. E esse é um tema caro para mim: o ser humano visto como parte do mundo natural, alterando-o (como qualquer ser vivo o altera) e sendo por ele modificado, adaptando-se às suas condições.

Vejo esses livros numa espécie de crescendo. *Tapajós* aborda um ambiente em particular, enquanto os outros dois descrevem diversos ambientes pelo nosso país afora. *Labirintos* apresenta uma delimitação temática que é a apresentação de alguns parques nacionais no Brasil. Assim, embora em alguns casos, possa dar informações sobre a região onde o parque se insere, seu objetivo é caracterizar e divulgar o parque em si. *Lá no meu quintal* também possui um tema central que são as brincadeiras, mas ao lermos, é possível perceber como as autoras extrapolam o tema e os quintais se alargam. Pela vasta documentação obtida ao longo dos vários anos de pesquisa este é, dos três livros, o que mais informações nos traz a respeito de cada região.

Em cada quintal aprendemos mais que brincadeiras. Descobrimos como vivem as crianças de diferentes localidades e conhecemos as histórias narradas por pais e avós, os bichos criados por lá, os sons que se ouvem de manhãzinha, os caminhos percorridos até a escola, os frutos colhidos nas redondezas (a vila, o bairro, a aldeia). (ROMEY e PERET, 2019, p.9).

Uma outra razão para minha escolha é que estes três livros poderiam estar presentes no meu trabalho como professora, caso eu seguisse nessa carreira, assim como podem

estar presentes em meus projetos como bibliotecária mediadora de leitura. Como professora, eles me ajudariam a aproximar a ciência da arte e da literatura e aproximar as ciências naturais das ciências humanas. E como bibliotecária vejo nesses livros um enorme potencial para realizar projetos de leitura juntamente com professores e, principalmente, teria muito prazer em ler ou indicar para as crianças que circulam entre as estantes de livros informativos ou para aquelas que ainda não perceberam que aprender pode ser muito divertido.

Em minha pesquisa, vi vários outros títulos dos quais gostaria de falar, abordando diferentes aspectos que me encantaram, mas escolhi estes livros, enfim, porque eles unem dois fios da minha vida profissional numa mesma meada.

3.3. Criança adora perguntar e cientista também

São as perguntas que movem a ciência e, de certa forma, estimular a curiosidade das crianças é uma forma de incentivar seu espírito investigativo. Todos os autores consultados para este trabalho concordam com isso e fazer perguntas é uma das estratégias que os livros informativos utilizam, seja para que o leitor pare e reflita sobre o que está lendo, seja para consultar seus conhecimentos prévios e confrontá-los com o que é exposto em seguida (GARRALÓN, 2015). Como, muitas vezes, as respostas não se encontram na obra que está sendo lida, é um convite para que o leitor continue sua busca. Perguntas espontâneas (e que muitas vezes não esperamos) podem surgir durante a leitura. Patte (2012) aborda essa questão, mostrando a importância de que essa estratégia seja levada em conta pelos autores e pelos mediadores.

Para a criança, conta muito ter confiança em suas interrogações, descobrir que suas perguntas, por mínimas que sejam, são reconhecidas como dignas de interesse e de um desenvolvimento mais longo. Cabe aos autores – e aos bibliotecários – reconhecer o valor dessa abordagem e levá-la a sério para conduzir a criança nas áreas de seu interesse. O jovem leitor pode assim se posicionar como um verdadeiro pesquisador. (PATTE, 2012, p.193).

Em *Lá no meu quintal*, os mapas são acompanhados de um quadro chamado “E você?” onde são feitas perguntas que envolvem o leitor numa comparação da sua própria vida

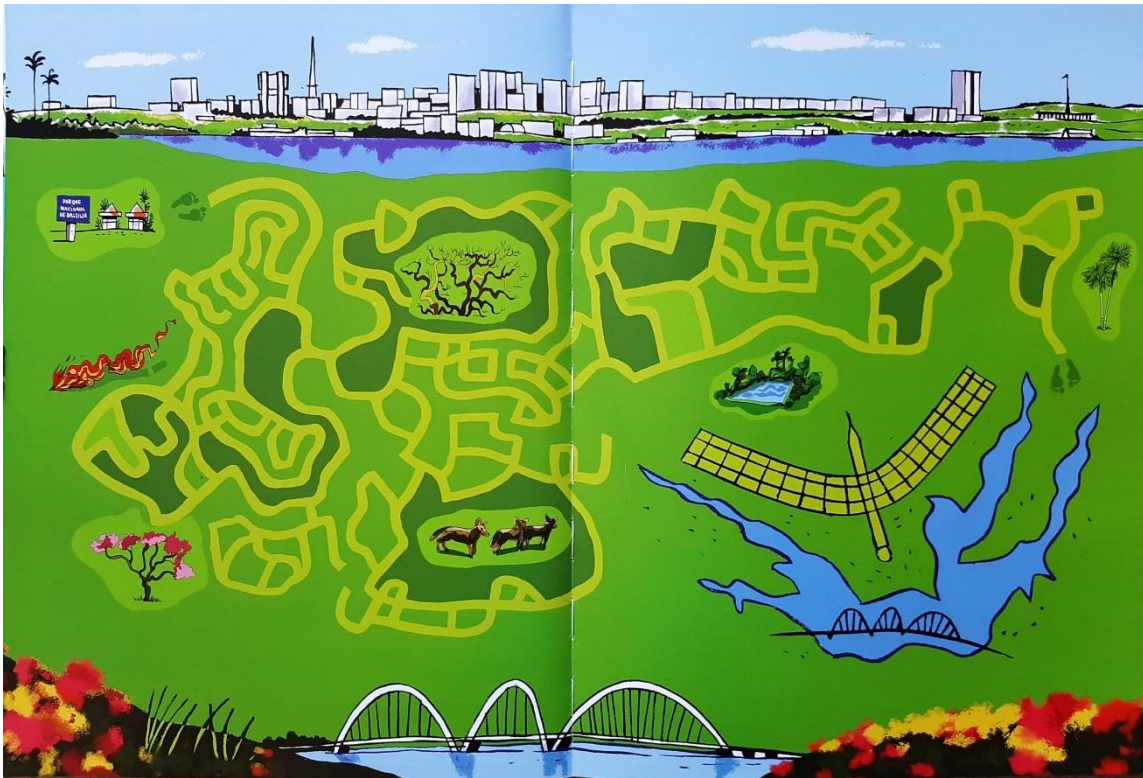
com a das crianças que estão sendo retratadas – “E seus brinquedos...são feitos de quê?”, “E no seu quintal, que bicho tem?”, “E você, o que faz no seu quintal?” – ou podem convidar a criança a uma investigação – “Conhece brincadeiras da infância de seus pais, tios e avós? Que tal perguntar para eles, fazer uma lista das melhores e experimentar?”

Labirintos também usa as perguntas de muitas formas nos textos e até mesmo nas imagens, uma vez que, em alguns dos mapas aparecem referências do parque que não estão explicadas no texto. Assim, perguntas são feitas em alguns dos textos que introduzem os capítulos como forma de atrair a atenção para as informações sobre o parque, muitas vezes de forma lúdica e instigante.

Cabeça de vaca? Garganta do diabo? Cobra gigante? Santos Dumont? Que história é essa? (BENSUSAN, 2012, p. 30).

Alguns chamam os Lençóis Maranhenses de deserto. Como pode haver um deserto tão cheio de água? (BENSUSAN, 2012, p. 34)

Esses são alguns exemplos de questões propostas pelas autoras, mas tanto textos quanto imagens nos três livros podem gerar perguntas espontâneas dos leitores. As imagens em *Tapajós*, por exemplo, apresentam muitos animais e plantas que não estão nomeados e as crianças, provavelmente, vão se interessar em saber seus nomes e até conhecê-los um pouco mais. Em *Labirintos*, um exemplo muito bom de uma imagem geradora de perguntas é a do Parque Nacional de Brasília, nas páginas 20 e 21. Do lado esquerdo da imagem aparece fogo. Por que será? Não há explicação para isso no texto assim como não há nenhuma informação sobre os elementos arquitetônicos tão representativos de Brasília. Tudo isso pode gerar o interesse de uma criança atenta e incentivar nosso pequeno cientista a fazer novas pesquisas.



“Labirinto” do Parque Nacional de Brasília mostrando, tanto elementos do ecossistema do Cerrado, onde a cidade se localiza, como aspectos das construções humanas.

3.4 Esgarçando limites

Em entrevista dada a Ana Paula Campos em novembro de 2015 e presente como anexo em sua dissertação, Garralón comenta, a propósito de perguntas¹⁹ sobre as aproximações entre livros informativos e livros ficcionais, em particular os livros ilustrados:

Há muitos livros informativos que utilizam elementos que relacionamos com a ficção, como a narração, que se usa muito nas biografias, livros de história, de viagem ou de antropologia. Neles sempre há narrações. Por um lado, costumamos pensar que os livros informativos são sobre matemática, ciência, física e química. Mas um livro sobre culturas no mundo também é informativo,

¹⁹ As perguntas feitas num mesmo bloco e que geraram essa resposta foram: Então seriam categorias que não se excluem? E outra pergunta: um livro informativo pode ser um livro de ficção? Se o objetivo principal é transmitir informação, é um livro informativo? Se utiliza uma narração com personagens, mas personagens que contam coisas, isto seria um livro informativo?

pode ter uma narração e elementos literários, como as metáforas, as comparações, as analogias. Esses recursos são **licenças ficcionais**. (CAMPOS, 2016, p.187 – grifo meu)

Em artigo publicado na revista *Fuera de margen*, Catinchi (2014) utiliza o termo “**fugas poéticas**”, entendidas como a libertação de um padrão estabelecido para os livros informativos: “rigor visual, exatidão nas informações e aposta na narrativa para tornar o saber menos ‘árido’” (CATINCHI, 2014, p.10). Esse conceito também é usado por Belmiro e Martins (2019) ao fazer a análise de três livros informativos, entre eles também o livro *Labirintos*.

“Fuga poética” é uma expressão que eu poderia ter usado nas minhas tentativas, como professora, de escapar da visão da ciência como um saber estritamente objetivo onde não caberia a poesia. Utilizo agora na tentativa de mostrar as fugas poéticas ou as licenças ficcionais que observo nos livros escolhidos. Fugas e licenças que fazem, portanto, com que se esgarcem os limites entre ficção e não ficção.

3.4.1 Ficção e não ficção no mesmo livro?

Ao discutir as características que delimitam os livros informativos em sua dissertação, Ana Paula Campos aborda questões entre livros de ficção e não ficção:

Outra justificativa para um debate mais demorado com o intuito de delimitar as características dos informativos é o uso que deles tem sido feito. Segundo Garralón (2015), muitas vezes livros literários são lidos de maneira que empobrece sua fruição, muito por conta de um tipo de mediação que olha para o texto em busca de conhecimento, informações factuais, que nada têm a ver com uma busca mais livre por prazer estético que em geral está associada à literatura. Para a busca por conhecimento e informação, que também pode envolver prazer estético, existem os livros informativos, projetados para isso. (CAMPOS, 2016, p.82).

Mas o que acontece se essa delimitação não for tão simples? E se um texto for literário e, ao mesmo tempo, houver a intenção de informar?

Tapajós é um livro ilustrado em que texto e imagens narram a aventura vivida por Cauã e Inaê e a vida no local. É por meio das ilustrações que conhecemos alguns dos animais, o tipo de construções da região, como é uma escola nesse local, sentimos a enorme quantidade de chuva, percebemos por que as pessoas precisam mudar e vemos a transformação na paisagem.

Trata-se de uma obra de ficção ou é informativa? Ou será híbrida?

Assim como em *O Verde e a Vida* (e nos demais livros da coleção *De Olho na Ciência*) a história que introduz e conclui o livro é ficcional, a aventura vivida por Cauã e Inaê é, muito provavelmente, fruto da imaginação de Fernando Vilela. Para um leitor que vive em uma região distante e muito diferente da região norte de nosso país (que é imenso e diverso), até mesmo o fato de uma vila inteira se mudar durante uma época do ano e retornar depois pode parecer coisa inventada. O título se refere ao rio, mas ao longo da história, que é narrada por Cauã, não há referência a esse nome e uma criança que nunca ouviu falar dele só entende o título e fica sabendo que se trata de um rio que existe de verdade nas informações que estão disponíveis depois da história. É nessa parte também que ficamos sabendo que a transformação da paisagem e da vida das pessoas durante o período das chuvas é real e que Vilela se inspirou numa viagem que fez, nas suas observações e nas informações que recebeu dos habitantes para escrever e ilustrar o livro.

Ao longo de *Tapajós*, portanto, ficção e não ficção se misturam, não havendo delimitação visual como em *O verde e a Vida*. Quando comparamos os dois livros, fica muito nítida a função informativa deste, o que não acontece tão nitidamente no livro de Fernando Vilela. Nas bibliotecas do SMB que o possuem em seu acervo, ele está nas estantes de literatura infantil e não de livros informativos. Entretanto, ao lermos o documento *Projeto: leitura e produção de texto*²⁰ produzido pela editora Brinquebook e direcionado a professores de Ensino Fundamental I, vemos uma diversidade de sugestões de trabalhos a serem desenvolvidos e alguns deles relacionados às ciências

²⁰ O documento é um dos anexos, ao final deste trabalho.

humanas e da natureza. Algumas dessas atividades são propostas para serem realizadas antes da leitura como forma de preparação para ela.

Não tenho a intenção de discutir essas orientações feitas aos professores. Sabemos da importância que esses “manuais” têm para muitos dos profissionais da educação em nosso país. Menciono o documento como uma forma de afirmar o caráter informativo que se mescla à obra de ficção. Por outro lado, as características de *Tapajós* nos permitem pensar numa leitura para além do contexto escolar. E se não prepararmos as crianças? Se deixarmos que elas se surpreendam com o relato da viagem de Fernando Vilela ao final? Se as deixamos fruir da leitura e, de repente, fazerem perguntas? E se um desejo de pesquisar mais partir justamente dessas perguntas?

Para os mediadores de leitura que se interessem pelos livros informativos, ficam as palavras de Ana Paula Campos de que é importante que eles “identifiquem os diferentes tipos de obras e conheçam seu funcionamento – seu design, por assim dizer – para que os recomendem de acordo com os propósitos pelos quais foram criadas e, ao mesmo tempo, ajudem as crianças a escolherem suas leituras de acordo com seus desejos e/ ou necessidades do momento” (CAMPOS, 2016, p.82).

3.4.2 Informação, ludicidade e linguagens artísticas

Início esta discussão abordando a questão da autoria de livros informativos. Pode parecer a alguns mediadores que a qualidade de um livro informativo seja maior quando escrito por especialistas da área abordada por ele. Creio que, pelo que já foi dito, *Tapajós* nos mostra que ser especialista não é essencial. Fernando Vilela usa sua arte para, com muita sensibilidade, compartilhar conosco aquilo que sua vivência lhe ensinou. Assim também, *Lá no meu quintal*, escrito por jornalistas e, portanto, especialistas na ciência da comunicação, mas não necessariamente nas áreas de ciências ambientais, é um livro que aborda essas áreas do conhecimento fornecendo informações confiáveis.

Por outro lado, Garralón (2015), ao analisar a questão da autoria, comenta que, muitas vezes um especialista terá dificuldades nessa comunicação atrativa e direcionada para o público infantil. Ela cita Luisa Massarani, ex-editora da revista *Ciência Hoje das Crianças* dizendo que, muitos artigos escritos por pesquisadores acadêmicos precisavam ser submetidos a um “processo de ‘tradução’ para a linguagem infantil” (GARRALÓN, 2015, p.39). Penso que, além da linguagem acessível, a questão da ludicidade e da aproximação com diferentes linguagens artísticas, tão características de livros ilustrados, cabem perfeitamente nessa ideia de “tradução”. Belmiro e Martins (2019) também comentam sobre isso:

A metamorfose do livro informativo, proposta pelos especialistas, ilustradores, escritores e editores, ocorre em sua produção, estruturação e recepção. Consequentemente, apresentam-se propostas editoriais de livros que não se limitam a relatar fatos, mas tentam o aperfeiçoamento de suas estruturas verbovisuais, por meio da apropriação estética de imagens e do uso literário da palavra, confluindo para “fugas poéticas” (BEMIRO; MARTINS, 2019, p.65).

Já *Labirintos* é um exemplo de livro escrito por uma especialista. Nurit Bensusan é bióloga e trabalha no Instituto Socioambiental (ISA). Tive a oportunidade, no grupo de estudos do qual participei no *Lugar de Ler*, de ouvi-la falar sobre seu trabalho de divulgação científica e, em particular, sobre a escrita de *Labirintos* e a parceria com o ilustrador Guazzelli, para quem ofereceu muito material científico que lhe desse subsídio para o trabalho artístico. Acredito que Nurit é exemplo de autora/especialista que se preocupa com a ideia de ludicidade como forma de atrair o leitor. Além da brincadeira dos labirintos (ideia que ela retirou de um jogo de seus filhos), ela afirmou que busca fugir da exposição de dados que os leitores possam facilmente encontrar, por exemplo, em sites da Internet. Pensa que o livro precisa capturar o leitor oferecendo informações inusitadas e que não se encontram disponíveis facilmente. Essa ludicidade aparece em alguns títulos: “presos no paraíso” (p.15), piquenique com macacos (p.19), bruxas no abismo (p.23), jacaré sem onda (p. 39) e nos textos:

Na maior ilha de Fernando de Noronha fica a Vila dos Remédios. Não, não é o paraíso das farmácias, o nome é por causa da igreja que os portugueses construíram para Nossa Senhora dos Remédios. (BENSUSAN, 2012, p.15).

Prepare-se para compartilhar seu lanche com nossos primos distantes... mesmo que os macacos não tenham sido convidados para o seu passeio! (BENSUSAN, 2012, p.18).

Essa trilha demora cerca de sete horas e é só para quem gosta de experiências radicais! Você encara? (BENSUSAN, 2012, p.23.)

Quem deu a maior força para essas cataratas serem protegidas foi Santos Dumont, inventor do avião. Agora podemos agradecê-lo duplamente; afinal, podemos sobrevoar o parque graças a seu invento enquanto vemos as cataratas. (BENSUSAN, 2012, p.30).

A ludicidade aparece nos mapas ilustrados por Guazzelli em *Labirintos* e nos de Kammal João em *Lá no meu quintal*. Em nenhum dos dois livros há preocupação com escala ou localização exata dos pontos geográficos ou culturais da região retratada. Em *Labirintos* não há escrita junto aos mapas e a brincadeira de tentar sair do labirinto vai levando o leitor a encontrar pontos que são mencionados no texto ou não – e isto pode gerar muita curiosidade. Ao analisar os mapas presentes nesse livro, Belmiro e Martins (2019) afirmam que:

A elaboração das imagens para representar os parques nacionais emprega o que Kümmerling-Meibauer e Meibauer (2017) denominam de ‘mapas metafóricos’, que são representações de mapas para visualizar conceitos abstratos. Para os autores, essa categoria é difícil de se encontrar em livros infantis, pois necessita da compreensão conceitual de um mapa, como também das funções da metáfora em sua complexa estrutura e significado. (BELMIRO; MARTINS, 2019, p.69).

Esses autores defendem que Guazzelli se utiliza da “associação de duas metáforas: natureza é vida e vida é um labirinto”. Penso que, ainda que a criança não alcance essas metáforas, haverá sempre diferentes camadas para a leitura dessas imagens. Ela pode se iniciar na brincadeira simples de sair do labirinto e progredir para a busca de informações no texto do livro ou de outras fontes ou (por que não?) deter-se apenas na apreciação estética da obra do ilustrador. Um prato cheio para o mediador que deseja pensar no alcance que quer dar ao seu trabalho.

Em *Lá no meu quintal*, por outro lado, Kammal João acrescenta muitas informações escritas junto aos mapas. Se essas inscrições não dão espaço a metáforas, nem por isso

estes mapas deixam de ser verdadeiras licenças ficcionais ou fugas poéticas. Como já foi dito anteriormente, Gabriela Romeu os denomina “mapas poéticos”. Em uma recente troca de mensagens com a autora sobre isso, ela diz usar essa expressão “em diálogo com o termo ‘mapas afetivos’, bastante usado em construções coletivas de mapeamento em comunidades, por exemplo”. Segundo ela, prefere “‘mapas poéticos’ para que dialogue com a ideia dos ‘mapas afetivos’, mas garantindo que seja ainda mais livre (ou libertador, tal qual a poesia)”.

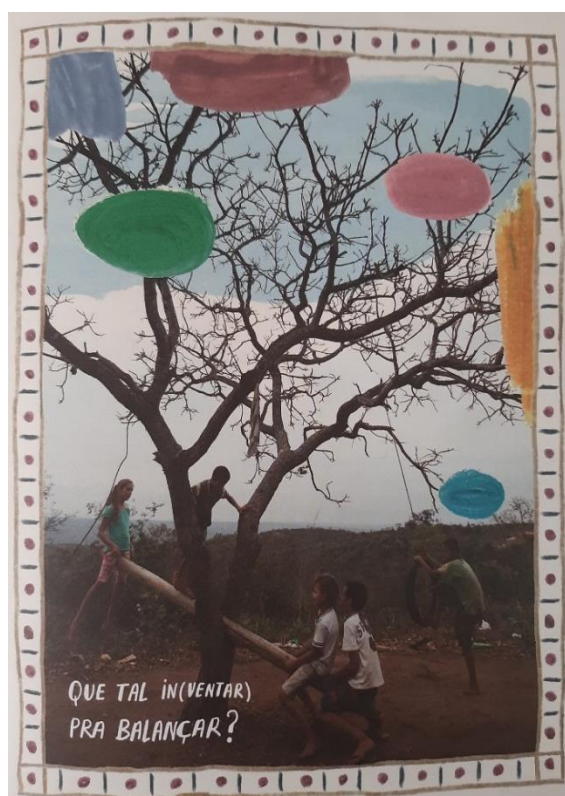


Quintal dos irmãos Welleton Gabriel e Joel Picolomini da Costa – Corumbá-MS (páginas 68/69).

A questão da fotografia nos livros informativos é tratada por Garralón (2014, 2015) que, em geral tem uma visão crítica do uso que se faz da fotografia nessas obras, considerando que normalmente são usadas apenas como uma reprodução da realidade, fazendo com que o leitor seja passivo diante delas. Para a autora, também nos livros informativos as fotografias deveriam estimular a apreciação estética, a imaginação e o

estabelecimento de relações com seu contexto cultural e, em alguns de seus escritos ela cita bons exemplos onde isso acontece.

Em *Lá no meu quintal* as fotografias, assim como os mapas ilustrados, também recebem um tom de ludicidade com a adição de molduras ilustradas ou de informações escritas sobre a própria fotografia. Essas inscrições sobre as fotos, assim como nos mapas, dão, muitas vezes, um efeito divertido, mas que, ao mesmo tempo, remete a reflexões e estimulam a imaginação. Sobretudo para leitores que vivem num contexto muito diferente daqueles retratados no livro, as fotografias vão muito além da função de apenas ilustrar o que está dito no texto. E para quem gosta de movimento, algumas podem ter suas informações ampliadas por um vídeo.



Exemplos de fotografias com legendas e intervenções lúdicas em *Lá no meu quintal* (páginas 83 e 95).

4. Para concluir: uma palavra sobre mediação

4.1. Biblioteca, escola, família e seus territórios

Para todos os livros aqui analisados e para muitos outros livros informativos é possível obter, nos sites das editoras, manuais ou propostas de projetos voltados para as práticas pedagógicas²¹. Desde o início de sua história, o livro informativo está relacionado à transmissão de conhecimentos e durante o século XX sua evolução foi influenciada por transformações nas práticas pedagógicas (pedagogias ativas) que modificaram as formas de dirigir-se às crianças (HERVÖET, 2014, p.6). É natural, portanto, que as editoras tenham essa preocupação em produzir material que oriente os educadores e faça sugestões de atividades e projetos, sobretudo para os que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, pelo fato de que educadores desses segmentos atuam com as diversas disciplinas.

Entretanto, a ideia de que estes livros se caracterizam por esse esgarçamento dos limites entre ficção e não ficção me leva a pensar neles como livros que poderiam transcender esse espaço escolar e, não só estarem nas estantes de bibliotecas públicas, como serem usados em projetos de mediação de leitura ao lado dos livros ficcionais. Nesse ponto, volto à questão do termo *paradidático* que, aparentemente, vem deixando de ser usado. Se há ou não uma intenção das editoras na expansão do alcance dos livros informativos para além das escolas é algo que pode ser objeto de investigação, mas penso que, não se referir a esses livros como paradidáticos, palavra tão conectada ao mundo escolar, é uma boa forma de atrair para eles a atenção de famílias (que podem ter acesso a eles em livrarias e bibliotecas) e bibliotecários, incluindo os que trabalham em bibliotecas públicas.

São livros que um bibliotecário pode indicar para que um professor utilize em sala de aula, para que um aluno busque informações para seus trabalhos, mas também para uma criança que visita a biblioteca espontaneamente ou para um pai que busca obras para ler para seus filhos. São livros que podem e devem ser lidos sem que o seu conteúdo tenha uma função na vida do leitor. Podem e devem ser lidos apenas para seu deleite,

²¹ A proposta de projetos pedagógicos do livro *Tapajós* encontra-se nos anexos. A editora Peirópolis disponibiliza propostas pedagógicas de várias obras e materiais complementares para professores em seu site: <https://www.editorapeiropolis.com.br/sala-do-professor>.

apenas porque gosta de ciências ou porque gosta de conhecer outras culturas, porque gosta, enfim, de viajar sem sair do lugar. E é possível que isso aconteça, inclusive, quando o leitor está pesquisando algo para um trabalho escolar num livro que esgarece limites. Texto e imagens podem levar esse leitor a perceber que ali ele encontra muito mais do que apenas respostas às questões feitas por seu professor.

Mas é claro que bibliotecários precisam estar atentos ao fato de que, como afirma Garralón (2015) “uma indicação, um conselho, não é uma ação que promova a leitura”. Nesse sentido, podemos estender para os livros informativos, a mesma reflexão que Brito (2019) faz para a mediação de leitura de obras literárias na biblioteca:

Na biblioteca, pode-se buscar o ler por prazer, a leitura sem obrigações de certo e errado, sem julgamento, pois cada um pode encontrar na leitura algo vinculado a suas próprias questões. (...) É preciso dar o direito à escolha, mas a mediação é um item fundamental para que sejam criados leitores autônomos e conscientes de suas opções. (BRITO, 2019, p.41).

As ações de mediação, portanto, precisam ser intencionais e planejadas e devem incluir obras ficcionais e informativas porque nestas também se pode buscar “o ler por prazer”. Na parte final de *Ler e saber*, Garralón (2015) oferece dicas de atividades de leitura para mediadores em geral e para bibliotecários, em particular. São sugestões de atividades para se desenvolver antes, durante e depois da leitura e a autora deixa claro que “cada mediador pode escolher aquelas com as quais se sinta mais confortável ou que sejam possíveis, levando em consideração o acervo de livros ou as características do grupo com o qual trabalha.” (GARRALÓN, 2015, p.203).

Não pretendo me estender sobre isso, mas gostaria de tocar numa questão particular das Ciências Naturais a partir de experiências que tive com formação de professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, falando sobre o ensino de ciências nesses segmentos. Abordo essas experiências porque dois aspectos me chamavam a atenção nesse contato com as professoras e podem ser um entrave para mediadores na leitura de livros informativos: a ideia de que ciência é difícil e de que temos que responder a todas as perguntas das crianças. Isso porque, como abordei anteriormente, um bom livro informativo gera novas perguntas, induz à continuidade das pesquisas. Como afirma Garralón, “em um livro informativo, a história não acaba quando o livro termina”

(GARRALÓN, 2015, p.48). A autora, realmente, comenta sobre essas dificuldades com alguns temas confessadas por mediadores em suas oficinas e recomenda:

Estamos acostumados a ter ou a dar respostas imediatas às perguntas das crianças, mas em nosso trabalho com livros informativos, a melhor estratégia é nos sentarmos junto a elas para pesquisar, mostrando-lhes que nós também precisamos nos repertoriar para responder, ou melhor, para chegarmos às respostas com elas. Uma atitude positiva e entusiasmada desperta nas crianças uma aproximação afetiva e imaginativa (GARRALÓN, 2015, p. 196)

Pode parecer que tudo que foi dito até agora esteja muito dirigido a professores e bibliotecários em seu papel de mediadores de leitura, mas penso que pais podem passar por situações semelhantes ao ler para ou com seus filhos: deixar de lado livros informativos por achar que só servem para pesquisa escolar ou por achar que os temas são difíceis e não trazem prazer na leitura e assustar-se com as perguntas que as crianças podem fazer. Livros informativos como estes aqui analisados podem cativar adultos também, podem transformar a visão que eles têm da ciência, podem trazer informações e indagações, podem despertar paixão. Cada mediador em seu território, com certeza atuará levando em conta as suas particularidades, mas acredito muito nas palavras de Garralón ao afirmar que “o promotor de leitura é, antes de tudo, um leitor que transmite sua paixão pelos livros”. E o que dizer de um adulto que descobre sua paixão junto com as crianças?

Por fim, como bibliotecária que atua numa região carente de espaços culturais, acredito que temos também uma grande responsabilidade com as famílias para essa descoberta do mundo dos livros informativos. Deixá-los sempre à disposição do olhar desses pais que vêm em busca de dicas de leitura e das crianças, incluí-los naquele momento em paramos nossos afazeres para reunir quem estiver por ali para fazer uma leitura ou fazer projetos de mediação com diferentes parceiros da biblioteca são formas de permitir que esses livros que transcendem os limites entre ficção e não ficção cativem novos leitores.

5. Referências bibliográficas

BELMIRO, C.A.; MARTINS, M.V.R. Em busca de fugas poéticas: informação e ficção em livros para a infância. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 59-76, maio/ago. 2019.

BENSUSAN, Nurit; GUAZELLI, Eloar. **Labirintos: parques nacionais**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

CATINCHI, Jean-Phillipe. Luces de hoy. **Fuera de Margen**, n. 14, p. 10-11, mar/out., 2014.

BRITO, Regina Garcia. Mediação da Leitura Literária em bibliotecas: entre a velocidade da Sociedade da Informação e o tempo para fruição e troca de saberes. In: PRADO, Jorge do (org). **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 35-47.

CAMPOS, Ana Paula. **Inventário – Processos de design na divulgação científica para crianças: estudo de caso de livro informativo**. 200p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GARRALÓN, Ana. Fotografía y azar, un retrato etnográfico. **Fuera de Margen**, n. 14, p. 32-33, mar/out. 2014.

GARRALÓN, Ana. **Ler e saber: os livros informativos para crianças**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

HERVÖET, Claudine. El libro divulgativo infantil y juvenil: evolución y panorama actual. **Fuera de Margen**, n. 14, p. 6-9, mar/out. 2014.

PATTE, Geneviève. **Deixe que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

ROMEU, G.; PERET, M.; MACEDO, S.; JOÃO, K. **Lá no meu quintal: o brincar de maninas e meninos de Norte a Sul**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

TOKITAKA, Sonia; GEBARA, Heloísa. **O verde e a vida: compreendendo o equilíbrio e o desequilíbrio ecológico**. 6.ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

VILELA, Fernando. **Tapajós**. São Paulo: Brinquebook, 2015.

Sites consultados

<https://www.brinquebook.com.br/>. Acesso em: 20.nov.2020.

<https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/>. Acesso em: 20.nov.2020.

<https://ftd.com.br/>. Acesso em: 20.nov.2020.

<https://www.moderna.com.br/literatura/>. Acesso em: 20.nov.2020.

<https://www.editorapeiropolis.com.br/>. Acesso em: 20.nov.2020.

<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/977/>. Acesso em: 31.jan.2021.

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/dec/formacao/index.php?p=8465>. Acesso em: 31.jan.2021.

<http://www.projetoguri.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 31.jan.2021.

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-superior/>. Acesso em: 31.jan.2021.

6. Anexos

Entrevista com Renata Farhat Borges – Editora Peirópolis

Vocês costumam fazer divulgação em escolas? Em caso afirmativo, costumam direcionar os títulos para professores de uma determinada disciplina? Por exemplo, no caso de Labirintos há direcionamento para professores de Geografia ou de Ciências?

Renata: Nós divulgamos os livros nas escolas através das bibliotecas, das salas de leitura, e da coordenação pedagógica. Ficamos satisfeitos quando encontramos solo fértil e a compreensão de que a literatura está conectada com a vida e que a leitura deve fazer parte da vida do jovem em todas as disciplinas.

Caso não o façam, há uma intencionalidade nesse não direcionamento?

Renata: Acreditamos que o livro é maior do que qualquer disciplina. O livro informativo, por exemplo, como que você citou, labirintos, mobiliza o repertório anterior do aluno ao mesmo tempo em que oferece a ele um repertório novo. Estimula a visualidade, e ao mesmo tempo sugere aprofundamento em questões complexas.

Ao apresentar um recorte dos parques nacionais, possibilita a exploração temática e o diálogo com o currículo da disciplina que fone da escolha, a geografia, a biologia, a ciência e a natureza. E até a política!

Livros informativos dentro de um contexto escolar são (ou eram), muitas vezes, chamados de livros paradidáticos. Esse termo não é utilizado no catálogo de vocês e eu pergunto se há uma motivação para essa não utilização e qual seria.

Renata: A nossa história e a nossa formação estão muito marcadas por uma visão complexa e transdisciplinar. Nós buscamos fazer livros autênticos, do mundo, autorais, e ficamos felizes que eles cheguem às escolas para apresentar ao leitor algo real, de uma alma ou de uma comunidade, um livro que estimule a curiosidade sobre a ciência e a beleza das coisas. E o livro informativo traz essa potência.

Portanto, não olhamos para o currículo escolar e pensamos: ora, vamos fazer um livro para vender muito aqui. Não. Nós olhamos para o mundo, conversamos com cientistas, divulgadores científicos, pesquisadores das mais diferentes áreas da infância, da ciência e da natureza, e tentamos colher o livro mais autêntico possível para ele que represente sua trajetória e o seu conhecimento. Se este livro for autêntico for bom, eu tiver a sorte de ser semeado em terra fértil, teremos uma repercussão escolar interessante. Um caso que eu posso citar é o do manual da criança caiçara.

Não faz sentido usar o termo para didático. Um termo que tem a ver com o mercado escolar, mas que até o MEC já não usa ao especificar “obras literárias” no PNLD.

Existe uma diferença significativa na procura desses livros informativos, considerando o público em geral e o público escolar? Ou seja, são livros mais adotados em escolas ou há grande procura também por leitores em geral?

Renata: O público geral costuma preferir livros mais palatáveis, digamos. E os livros informativos ou paradidáticos ou híbridos que fazemos costumam trazer desafios a mais. Assim, é mais no contexto escolar que eles se abrigam e acontecem.

A editora é procurada por bibliotecas não escolares para a compra de livros informativos para crianças?

Renata: A editora tem contato com escolas, distribuidores e livreiros, com educadores, no caso do compartilhamento dos conteúdos das gavetas digitais, mas as bibliotecas costumam comprar de distribuidores. Então, não temos esse controle. Mesmo as bibliotecas do Sesc não compram diretamente de nós. Sabemos que os livros estão lá, mas não compram de nós.



2

EDUCAÇÃO BÁSICA
DE QUALIDADE PARA
TODOS

Tapajós

Texto e ilustrações de Fernando Vilela

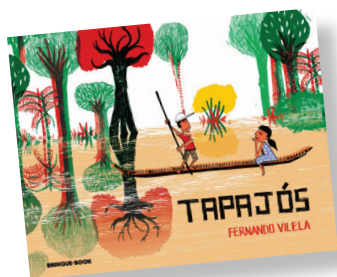
Projeto: leitura e produção de texto

Indicação: Fundamental 1

Elaborado por: Ana Lúcia Maestrello



BRINQUE-BOOK



Objetivos do projeto

- Ampliar o repertório de conhecimento de mundo e de leituras.
- Estudar o vocabulário e expressões do texto antes da leitura para que ela seja melhor aproveitada pelos alunos.
- **Atender a produção dos gêneros textuais por ano.**

Temas: Animais, aventura, estações do ano e geografia.

Temas transversais: Pluralidade cultural (características étnicas e culturais de diferentes grupos sociais

Antes da leitura

1º passo: preparação para a leitura

1º e 2º anos: com procedimentos didáticos lúdicos – contação de história, cartazes e desenhos – que garantam aos alunos o estudo dos tópicos relacionados abaixo.

3º, 4º e 5º anos: organize os alunos em grupos para pesquisarem conceitos e imagens, bem como elaborarem

que convivem no território nacional) e meio ambiente (ambiente, sociedade e ciclos da natureza).

1º e 2º anos

Conteúdo: versos rimados, repertório de palavras, escrita como meio de comunicação, texto coletivo, texto narrativo, criação de frases, animais, rios, natureza, grupos étnicos brasileiros e vilarejos.

3º, 4º e 5º anos

Conteúdo: texto narrativo, criação de frases, tempo verbal da narrativa, estudo de adjetivos, animais, rios, natureza, grupos étnicos brasileiros, vilarejos, convívio social de comunidades, estilos de moradias e embarcações e manifestação cultural.

O livro *Tapajós* será a referência de leitura que direcionará a produção dos gêneros textuais sugeridos neste encarte.

cartazes e apresentarem seminários à sala sobre os tópicos relacionados abaixo.

Tópicos

1. Tapajós

– Região: Quase no limite dos estados do Amazonas e do Pará encontram-se dois grandes rios. O belo encontro das águas azuis e verdes do Tapajós com o barento Amazonas pode ser visto

da orla de Santarém, o portão de entrada da região.

- Orla do Rio Tapajós, Santarém-PA:

<https://www.youtube.com/watch?v=agyi3RBydRg>

- Santarém | Amazonas e Tapajós| Encontro das águas:

<https://www.youtube.com/watch?v=0RGo3oCaAwo>

- Canal do Jari: A área onde os rios Tapajós e Amazonas se encontram é perfeita para avistar aves, macacos, preguiças e as grandiosas vitórias-régias. Na margem, o modo de vida é simples e caboclo. Os moradores destas localidades possuem forte expressão cultural e religiosa. Valorizam as datas religiosas, os dias santos e as comemorações como os festivais que evidenciam a produção agrícola familiar. Dentre as festas, destaque para o Festival da Laranja, de Carariacá.
- História da cultura Tapajós: <http://www.ecobrasil.org.br/tapajos/pt/o-que-tem-la/historia>

2. População ribeirinha.

3. Fauna e flora:

- Onça Preta.
- Lenda do Boto.

- 4. Garanta, em forma de diagrama, o significado das seguintes palavras e expressões: mingau, beira-rio, vilarejo, finalmente, escurece, inverno, estação, verão, rasinho, mudança, igarapé, palha e sucuri.

Os diagramas devem ficar expostos na sala de aula.

2º passo: decore a sala em forma de painel com todos os trabalhos feitos pelos alunos e organize as apresentações de seminários dos tópicos e vocabulários estudados. Procure também complementar essa decoração com imagens e objetos que lembrem a obra.

O ideal é que cada aluno tenha a obra para que a leitura possa ser feita ora em sala de aula, ora direcionada como tarefa.

3º passo: caso somente o professor tenha a obra, combine com a classe as regras de comportamento adequado (silêncio e concentração) antes da leitura.

- *1º dia:* o professor realiza a leitura e os alunos permanecem em silêncio até terminá-la.
- *2º dia:* repete-se a leitura, contudo, os alunos a realizam (1º ano faz a leitura das imagens) e divide-se a leitura conforme orientação do professor.
- *3º dia:* numa roda de conversa, discute-se a temática do livro e os itens dos tópicos estudados.

4º passo:

Propostas de gêneros textuais

Os gêneros textuais para 1º e 2º

anos podem ser utilizados nos outros anos também, porém, o inverso não é indicado.

Sugere-se a REESCRITA, através da leitura de imagens, em todos os anos como compreensão da leitura.

Procure levar modelos de gêneros textuais que serão trabalhados como referência de estrutura de texto para o aluno.

1º ano

• Gênero Receita

Na página 5 do livro, Cauã, o narrador da história, fala do seu café da manhã: mingau de banana. Pensando na moradia e na cultura de sua vila, os alunos escreverão uma ou duas receitas de café da manhã. Depois de escrever a receita é necessário ilustrá-la.

• Gênero Ilustração

Baseando-se na pesquisa de imagens, peça para os alunos inventarem uma ilustração de como imaginam ser a casa de Cauã: onde e como são as camas, a cozinha, o banheiro etc.

• Gênero Lista

Peça para os alunos listarem os animais que notaram na história. Caso tenham dúvidas de alguma espécie, o professor pode auxiliá-los.

2º ano: ora o professor pode ser escriba e ajudar os alunos a elaborar o texto coletivamente, ora o aluno pode ter autonomia de escritor.

• Gênero Lenda

O folclore na região Amazônica é muito rico. Os moradores de lá acreditam e cultuam muitas destas lendas e religiosidades. Na página 8 do livro, existe um bicho muito grande no rio que ninguém vê. Aqui, os alunos devem pensar em um nome e criar uma lenda para o bicho.

• Gênero Convite

Na página 10, vemos a igreja do vilarejo toda decorada para uma festa. Peça para os alunos elaborarem um convite para os moradores da vila, contendo o dia e horário da festa. É necessário que coloquem as comidinhas que serão servidas. Depois de pronto, o convite deve ser ilustrado.

3º e 4º anos: escrita com autonomia.

• Gênero Poesia

Sugira que os alunos escrevam uma poesia que reflita a importância cultural dos povos ribeirinhos. Eles podem usar como inspiração a poesia que Elizabeth Bishop escreveu em homenagem a região de Tapajós, em uma de suas viagens:

SANTARÉM

Pode ser que estou lembrando
tudo errado

depois, depois - quantos anos
Este final da tarde dourado não
queria ir mais longe;

Mais que nada queria ficar mais
um pouco
na confluência de dois grandes

rios, Tapajós, Amazonas
com grandeza, em silêncio, des-
cendo, descendo para o leste
De repente tinha casas, gente e
muitos barcos
vira-lata deslizando de lá para cá
debaixo de um céu de nuvens
suntuosos e sob iluminados
com tudo dourado, polido de um
lado,
e tudo claro, alegre, casual – ou
assim parecia
Gostei do lugar; gostei da idéia do
lugar.

Dois rios. Não foram dois rios
que nasceram no Jardim de Éden?
Não foram quatro
e se divergiram. Aqui só dois
e se encontrando. Mesmo se
seduzido a
interpretações literárias como:
vida/morte, certo/errado, ho-
mem/mulher
- tais noções teriam se resolvidas,
dissolvidas, diretamente
nesta aquática, deslumbrante
dialética.

• *Gênero Matéria Escolar*

Os alunos da Escola da Floresta aprendem quase tudo como nas outras escolas da cidade. Mas, para eles, a sua cultura é muito importante e rica para ser esquecida, portanto, fazem questão de mantê-la na grade escolar. Peça para os alunos pensarem em uma matéria que seria superinteressante neste caso. Depois eles devem criar um nome para a matéria e apresentar o conteúdo abordado.

• *Gênero Campanha*

A região Amazônica é constantemente ameaçada devido ao desmatamento e a construção de barragens hídricas, afetando fortemente tribos e comunidades, assim como a fauna e a flora. Pensando nestes povos e na biodiversidade, os alunos deverão montar uma campanha com seus colegas de sala para a conscientização ambiental a respeito destes locais. Peça para fazerem uma entrevista com colegas, professores e parentes sobre o que eles pensam sobre isso.



BRINQUE-BOOK

BRINQUE-BOOK Editora de Livros Ltda.

Rua Mourato Coelho, 1215 – Vila Madalena – CEP: 05417-012

São Paulo – SP – Brasil – Tel./Fax: (11) 3032-6436

www.brinquebook.com.br – brinquebook@brinquebook.com.br